

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de Museologia, Conservação e Restauro

Curso de Bacharelado em Museologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico da cidade de Pelotas: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR)

Susan Regina Caetano Garcia

Pelotas, 2019.

Susan Regina Caetano Garcia

Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico da cidade de Pelotas: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Museologia da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial a obtenção
do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Juliane Conceição Primon Serres

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G216r Garcia, Susan Regina Caetano

Rede de Museus da UFPEL e os Museus do Centro Histórico da cidade de Pelotas: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) / Susan Regina Caetano Garcia ; Juliane Conceição Primon Serres, orientadora. — Pelotas, 2019.

91 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Trabalho em rede. 2. Museus. 3. Público. 4. Ações. 5. Acervo. I. Serres, Juliane Conceição Primon, orient. II. Título.

CDD : 069

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Susan Regina Caetano Garcia

Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico da cidade de Pelotas: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Data da defesa: 06/12/2019

Banca examinadora:

Profa. Dra. Juliane Conceição Primon Serres (Orientadora)

Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Silvana de Fátima Bojanoski

Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

Dedico este trabalho aos meus pais José Antônio e Marta, aos meus irmãos Jamie, Jonathan e José e aos meus sobrinhos Bernardo e Helen.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida, pela força e por não me deixar desistir de concluir esta etapa.

Aos meus pais José Antônio e Marta, a minha irmã Jamie e aos meus irmãos Jonathan e José, estes últimos que mesmo residindo em cidades diferentes, também estiveram sempre comigo, me incentivando sempre a continuar. Obrigada pelo amor, carinho, pelo apoio, pela força. Obrigada por tudo. Amo todos.

As minhas cunhadas Maria Do Carmo e Angelica, pelas palavras de incentivo, carinho, força. Obrigada por tudo.

Aos familiares e amigos que estiveram por perto em vários momentos, sempre dando forças.

Não poderia deixar de agradecer também os meus pets Bella e Laica, sempre acompanhando e dando forças “do seu jeitinho” em todos os momentos da minha vida e da família.

Aos médicos: Dr. Lauro da Fontoura Beltrão, Dr. Paulo Ricardo Rossi Sityá, Dr. João Ricardo Friedrisch, a médica anestesista Dr^a. Daniela e enfermeiras (os) de Porto Alegre.

A minha orientadora, Prof^a. Dra. Juliane Conceição Primon Serres, pela atenção, carinho e disponibilidade em me ajudar na construção desta monografia.

As Direções dos museus: o Professor Lauer Silva - MALG, o Professor Roberto Heiden – Museu do Doce e o Professor João Iganci – MCNCR, ao me receberem nas instituições e aceitarem a realização das entrevistas, contribuindo assim para a construção do terceiro capítulo desta monografia.

A coordenadora da Rede de Museus da UFPel, Professora Silvana Bojanoski, por toda sua atenção durante entrevista realizada e por aceitar o convite para participar da banca.

Ao museólogo Matheus Cruz, do Museu do Doce, pela sua atenção e por disponibilizar de material que serviu como um dos suportes para a escrita desta monografia.

Aos Profissionais do MALG, em especial o Técnico em Restauro Fabio Galli e a museóloga Joana Lizott, os quais tive o imenso prazer de conhecer durante o meu período de estágio na instituição. Obrigada pelo acolhimento, pela atenção e carinho. A Joana eu agradeço também pelo material disponibilizado enviado por email.

A Roberta Trierweiler, da Secretaria administrativa do Malg, pela atenção.

A Carolina Silveira Régis do MCNCR, pela atenção e disponibilidade de material do museu por email o qual contribuiu para a realização de parte desta monografia.

As colegas de curso pela amizade e palavras de incentivo, Daiane Insaurriaga, Marcinha Rodrigues, Bettina Afonso, Michele Sampaio e Gabriela Rodighiero.

A todos os Docentes do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, pelo acolhimento no curso, pela atenção, pelo conhecimento e aprendizado que adquiri ao longo deste trajeto.

A todos o meu imenso agradecimento!

Os pontos positivos de um trabalho em rede não são difíceis de identificar: conexão, articulação e fortalecimento são os mais evidentes. (BOJANOSKI, 2018)

Resumo

GARCIA, Susan Regina Caetano. **Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico da cidade de Pelotas**: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR). Orientadora: Juliane Conceição Primon Serres. 2019. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Bacharelado em Museologia – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Ao longo do tempo, diversas instituições museológicas aderiram ao trabalho em rede. São instituições espalhadas por todo o mundo, localizadas em países na Europa e nas Américas (Central, do Norte e do Sul), destacadas no decorrer da pesquisa. Na Europa, a ideia de sistemas e redes surgiu através dos governos de determinados países, como Alemanha, França e Portugal, por exemplo, que devido à importância das instituições museológicas para a sociedade e para as políticas culturais, viram a necessidade de criar um meio de forma a ampliar a relevância que estas já representavam para a sociedade. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) foi o órgão que deu início a criação de redes e sistemas ao desenvolver o programa “Acervo em Rede” com o objetivo de aproximar o público dos bens culturais contidos nos museus de todo o país. Sendo assim, a presente monografia buscou abordar o trabalho em rede desenvolvido na cidade de Pelotas, este que, através da Rede de Museus da UFPel, criada em setembro de 2017, vem desenvolvendo até o momento diversas ações em conjunto com instituições museológicas da cidade e região. No entanto, o foco desta pesquisa é trabalhar com os três museus centrais que estão localizados no entorno da Praça Coronel Pedro Osório (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo-MALG, Museu do Doce e Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter-MCNCR). Sendo assim, destacamos algumas ações da Rede com esses museus, realizadas entre o período de 2018 e 2019 durante os principais eventos comemorados no Brasil (Semana Nacional dos Museus, Dia do Patrimônio e Primavera dos Museus. Dessa forma, na busca de informações sobre esse trabalho em rede, realizou-se entrevistas com as Direções dos Museus e com a Coordenação da Rede de Museus da UFPel na tentativa de analisar quais os pontos positivos para todos até o momento, inclusive para a própria Rede, bem também como as dificuldades apontadas durante esse percurso de trabalho.

Palavras-chave: Trabalho em rede. Museus. Público. Ações. Acervo.

Abstract

GARCIA, Susan Regina Caetano. UFPel Museum Network and the Historic Center of Pelotas Museums: Sweet Museum, Leopoldo Gotuzzo Art Museum (MALG) and the Carlos Ritter Museum of Natural Sciences (MCNCR). Advisor: Juliane Conceição Primon Serres. 2019. 89 f. Course Conclusion Paper (Undergraduate), Bachelor Degree Course in Museology - Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Over time, several museum institutions have joined the network. These are institutions around the world, located in countries in Europe and the Americas (Central, North and South), highlighted during the research. In Europe, the idea of systems and networks arose through the governments of certain countries, such as Germany, France and Portugal, for example, that because of the importance of museum institutions for society and cultural policies, they saw the need to create a medium in order to broaden their relevance to society. In Brazil, the Brazilian Museum Institute (IBRAM) was the body that initiated the creation of networks and systems by developing the "Network Collection" program with the objective of bringing the public closer to the cultural goods contained in museums throughout the country. Thus, the present monograph sought to address the network work developed in the city of Pelotas, which, through the UFPel Museum Network, created in September 2017, has so far been developing various actions in conjunction with the city's museological institutions and region. However, the focus of this research is to work with the three central museums that are located around Coronel Pedro Osorio Square (Leopoldo Gotuzzo-MALG Art Museum, Candy Museum and Carlos Ritter-MCNCR Museum of Natural Sciences). Thus, we highlight some actions of the Network with these museums, held between 2018 and 2019 during the main events celebrated in Brazil (National Museum Week, Heritage Day and Spring of Museums). Thus, in search of information about this Through networking, interviews were conducted with the Museum Directorates and the Coordination of the UFPel Museum Network in an attempt to analyze the positive points for everyone so far, including the Network itself, as well as the difficulties pointed out during this work path

Keywords: Networking. Museums. Public. Actions. Stock

Lista de Figuras

Figura 1. A Espanhola.	48
Figura 2. Museu do Doce.	51
Figura 3. Museus na Rua.	66
Figura 4: 1º Encontro dos Museus Coloniais.	67
Figura 5: Mercado Público de Pelotas.	69
Figura 6: Coletivo Autores de Pelotas.	70
Figura 7: Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vargas de São Lourenço do Sul.	72
Figura 8: Flora Gomes em visita ao MCNCR.	72
Figura 9: Grupo de Bordadeiras Doces Linhas do Museu do Doce.	73
Figura 10: Rota dos Museus (Museu do Doce).	77
Figura 11: Escola Municipal Bernardo de Souza em visita o MCNCR.	78

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resultados da Semana Nacional dos Museus nos Museus do Brasil	64
Tabela 2: Resultados da Semana Nacional dos Museus nos Museus do Brasil (Impactos)	65
Tabela 3: Resultados da Primavera dos Museus no Brasil.....	71

Lista de abreviaturas e siglas

AMaGA	Associação Australiana de Museus e Galerias Incorporada
ASEF	Fundação Ásia-Europa
ASEMUS	Rede de Museus Ásia-Europa
BBP	Biblioteca Pública de Pelotas
CA	Centro de Artes
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CONSUN	Conselho Universitário
DOMUS	Sistema Integrado de documentação e gerenciamento de museus
DPPC/FCC	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura
EBA	Escola de Belas Artes
FAE	Faculdade de Educação
FAEM	Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
FENADOCE	Feira Nacional do Doce
HISALES	Centro de Documentação História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares
IB	Instituto de Biologia – UFPel
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICH	Instituto de Ciências Humanas
ICN	Instituto de Biociências
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IFM	Instituto de Física e Matemática – UFPel

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MALG	Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
MCB	Museu das Coisas Banais
MCNCR	Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter
MHMR	Museu Histórico de Morro Redondo
MUARAN	Museu de Arqueologia e Antropologia
NEMO	Rede de Organizações de Museus Europeus
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
PREC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
RPM	Rede Portuguesa de Museus
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
Secult	Secretaria de Cultura
SENAI	Centro de Formação Profissional
SEM/RS	Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
SEM/SC	Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina
SESC	Serviço Social do Comércio
SIM/RJ	Sistema Estadual de Museus do Rio de Janeiro
SISEM/SP	Sistema Estadual de Museus de São Paulo
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SMM/ Ouro Preto	Sistema Municipal de Museus de Ouro Preto
SMM/Pelotas	Sistema Municipal de Museus de Pelotas
SMM/SM	Sistema Municipal de Museus de Santa Maria

SNM Sistema Nacional de Museus

SUINFRA Superintendência de Infraestrutura – UFRGS

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

UFPEL Universidade Federal de Pelotas

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UPPM/SEC Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria
da Cultura do Estado de São Paulo

Sumário

Introdução.....	17
1 O Surgimento das Redes Museológicas no Mundo.....	21
1.1 Gestão Museológica.....	21
1.2 Redes e Sistemas.....	21
1.3 Redes de Museus pelo Mundo.....	24
1.4 Redes de Museus no Brasil.....	31
1.4.1 Sistema Brasileiro de Museus (SBM).....	31
1.4.2 Sistemas Estaduais de Museus: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo.....	33
1.4.3 Sistemas Municipais de Museus: Ouro Preto (MG), Pelotas, Rio Grande e Santa Maria (RS).....	36
1.5 Redes Temáticas.....	38
1.5.1 Museus Casas.....	38
1.5.2 Rede de Memória do Esporte.....	39
1.5.3 Museus Ferroviários.....	39
1.6 Redes de Museus Universitários.....	40
1.6.1 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).....	40
1.6.2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).....	41
1.6.3 Universidade Federal de Pelotas (UFPel).....	42
2 A Rede de Museus da UFPel e sua Composição.....	43
2.1 Rede de Museus da UFPel.....	43
2.2 Composição da Rede.....	45

2.2.1 Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG).....	46
2.2.1.1 Museu do Doce.....	49
2.2.1.2 Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR).....	53
2.2.1.3 Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN) e demais instituições vinculadas a Rede.....	56
3 Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico.....	62
3.1 Eventos nacionais e os Museus do Centro Histórico: Semana Nacional dos Museus, Dia do Patrimônio e Primavera dos Museus.....	62
3.2 Os Museus do Centro Histórico e o Público.....	73
3.3 Museus do Centro Histórico: Análise dos museus em relação à Rede de Museus da UFPel.....	78
3.4 Rede de Museus da UFPel: Análise da Rede em relação aos Museus do Centro Histórico.....	84
4 Considerações Finais.....	90
Referências Bibliográficas.....	92
Anexos.....	97
Anexo A: Questionário para as Direções dos Museus.....	98
Anexo B: Questionário para a Coordenação da Rede de Museus da UFPel.....	1

1. Introdução

A gestão de museus em rede é uma prática que vem sendo exercida por diversos museus no Brasil e no mundo e tem sido bastante relevante para essas instituições. Pode-se observar isso quando a autora Ana Cristina Barreto de Carvalho (2008)¹ fala que “o trabalho em rede é a principal estratégia para que estas instituições cumpram sua missão de preservação, conservação e acesso ao público” (CARVALHO 2008, p.42).

Tendo como base a afirmação da autora, tal estratégia de trabalho contribui para a preservação e conservação dos patrimônios culturais, assim também para/com o público visitante das respectivas instituições.

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, constituem patrimônio cultural brasileiro todos os bens materiais e imateriais, cuja identidade, ação ou memória façam parte de um grupo da sociedade a qual estamos inseridos:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: **I** - as formas de expressão; **II** - os modos de criar, fazer e viver; **III** - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; **IV** - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; **V** - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Artigo 216 da Constituição Federal de 1988).

Partindo dessa premissa, a presente monografia tem como objeto de análise a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), da qual fazem parte os três principais museus ligados à referida instituição de ensino: o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), cujos temas de suas exposições estão voltados para as artes visuais; o Museu do Doce, que disponibiliza exposições relacionadas a tradição doceira da cidade; e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), com exposições temáticas de ciências naturais. Esses museus têm em comum, além de estarem vinculados

¹ Gestão de Patrimônio Museológico: As Redes de Museus (2008).

a Ufpel e a Rede, a sua localização: estão endereçados no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, no Centro Histórico da cidade de Pelotas.

O presente estudo surgiu após algumas visitas ao Malg, onde os profissionais que lá trabalham incentivaram que se escrevesse sobre o Museu². No entanto, em um dos encontros de orientação, foi sugerido que eu trabalhasse, não com um, mas com os três museus da Rede, ampliando assim o escopo da pesquisa.

A Rede de Museus da Ufpel³ é um órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, cuja missão é “unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na universidade”.

Conforme Carvalho (2008), as redes “são instrumentos de cooperação e desenvolvimento que podem diminuir desigualdades e diferenças, podendo inclusive reconstruir a imagem do museu junto à sociedade” (CARVALHO, p.42). Desta maneira, a ideia de “trabalho em rede” surge como uma forma de inclusão, para todos os tipos de públicos, com o intuito de aproximar museu e visitante.

A autora fala que tal trabalho é composto por várias instituições, e ao mesmo tempo destaca que cada uma delas possui a sua história, desde a sua missão até a sua área administrativa. No entanto, ela deixa claro que todas têm o mesmo propósito, “visando a interesses comuns” (CARVALHO, p.44).

Sabendo da importância dessa Rede para/com as instituições, é imprescindível destacar sobre o significado do termo museu. Segundo Suano (1986), os museus tiveram origem na Grécia Antiga, embora sua característica tenha passado por diversas transformações no decorrer dos anos:

{...} o Mouseion, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado sobretudo para o saber filosófico {...} as Musas, donas de memória absoluta, imaginação criativa e presciência, com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens a esquecer a ansiedade e a tristeza. O mouseion era então esse local privilegiado, onde a mente repousava e onde o

²Fabio Galli, restaurador da instituição, sugeriu a escrever minha pesquisa sobre o museu. Num outro momento, durante conversa com a Museóloga do local Joana Lizott, ela destacou vários temas que poderiam ser abordados e um deles se tratava do histórico do mesmo.

³ Ver mais sobre Rede de Museus da UFPel em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/>

pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar as artes e as ciências. As obras de arte expostas no mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem. (SUANO, 1986, p.10 e 11)

Com o passar do tempo essa definição sofreu inúmeras transformações, assim como a própria instituição. No ano de 2014, em Conceitos-chave de museologia, os autores André Desvallées e François Mairesse destacam que:

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2014, p.64)

De acordo com Suano (1986)⁴, o museu na Grécia Antiga era algo privativo, onde o público era seletivo. Além disso, servia como um lugar de “repouso” para o homem esquecer-se de todos os seus problemas do dia a dia. Já Desvallées e Mairesse nos mostram as características adquiridas ao longo do tempo.

Conforme o ICOM⁵, em 2007:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2014, p.64)

Ou seja, o museu deixa de ser um lugar apenas de “repouso” e passa a ser de apreciação ao público, com finalidade de estudos e pesquisas. Atualmente, os museus oferecem exposições do seu acervo e realizam ações educativas voltadas para todos os tipos de público.

Partindo desta breve contextualização da origem dos museus, onde se pôde observar um pouco de suas transformações, o foco desta pesquisa é a Rede de Museus da UFPel, tendo como objetivo principal analisar qual o impacto dessa plataforma para os três mencionados museus. O que o trabalho em rede tem trazido para essas instituições.

⁴ Uma das bibliografias utilizadas na Disciplina de Introdução a Museologia.

⁵ Conselho Internacional de Museus

Como metodologia para a pesquisa, se utilizou entrevistas, pesquisa documental disponibilizadas pelas próprias instituições a fim de adquirir informações sobre o histórico destas, assim também como sua missão, seu acervo, exposições e pesquisa bibliográfica.

A entrevista, segundo Maxwell Ferreira de Oliveira (2011) ⁶, é uma das técnicas de coleta de dados bastante utilizada em pesquisas acadêmicas, a qual é possível coletar dados acerca das informações do entrevistado até a obtenção das respostas. As entrevistas presentes nesse trabalho foram realizadas com funcionários dos três museus e responsáveis pela Rede.

No que diz respeito à pesquisa documental, outra técnica utilizada neste trabalho, esse mesmo autor destaca que os dados podem ser coletados por meio de documentos, isto é, aqueles que fazem parte das próprias instituições, etc., como, por exemplo, folder regimento, relatório e catálogos.

Ademais, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, considerada uma fonte secundária, onde Oliveira (2011) destaca a importância dessa técnica para adquirir todas as informações acerca do nosso tema, o qual se pode utilizar qualquer material público, sejam estes livros, artigos científicos, teses, etc.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos o surgimento das Redes e Sistemas de Museus no Brasil e no Mundo, destacando alguns sistemas municipais e regionais, redes temáticas e universitárias.

No segundo capítulo, abordaremos sobre a Rede de Museus da UFPel, analisando cada um dos museus e projetos vinculados a mesma, destacando os museus centrais mencionados anteriormente.

E por fim, no terceiro e último capítulo, analisaremos a importância do trabalho da Rede de Museus da UFPel, e analisaremos também o impacto até esse momento de trabalho em conjunto para essas instituições. Espera-se com essa monografia contribuir para a discussão do tema.

⁶ Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração (2011).

Capítulo 1: O surgimento de Redes Museológicas no Mundo

Neste primeiro capítulo, abordaremos brevemente sobre o conceito de gestão museológica, de redes e sistemas de museus e em seguida, falaremos sobre algumas plataformas digitais que se encontram localizadas na Europa e nas Américas (inclusive no Brasil), destacando alguns sistemas municipais e estaduais, bem também como redes temáticas e universitárias.

1.1. Gestão Museológica

Antes de tratarmos sobre Rede de Museus, é importante trazermos o significado de gestão museológica, que tem uma implicação direta na organização dessas redes. Em Conceitos-chave de museologia, Desvallées e Mairesse (2014) destacam que a gestão museológica é definida como:

A ação de conduzir as tarefas administrativas do museu ou, de forma mais geral, o conjunto de atividades que não estão diretamente ligadas às especificidades do museu (preservação, pesquisa e comunicação). Nesse sentido, a gestão museológica compreende essencialmente as tarefas ligadas aos aspectos financeiros (contabilidade, controle de gestão, finanças) e jurídicos do museu, à segurança e manutenção da instituição, à organização da equipe de profissionais do museu, ao marketing, mas também aos processos estratégicos e de planejamento gerais das atividades do museu. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2014, p.47)

Com base nos autores, a gestão nos museus consiste em um conjunto de atividades administrativas desenvolvidas que compreendem vários aspectos dos museus, desde suas especificidades até a forma de planejamento e organização de suas atividades.

Partindo do breve conceito de gestão museológica, o trabalho em rede é uma prática que vem sendo exercida em instituições museais no Brasil e no Mundo, sendo de suma importância para a gestão desses espaços de memória, a fim de preservar e valorizar o patrimônio museológico.

1.2. Redes e Sistemas

Como se observou no parágrafo acima, inúmeras instituições museais aderiram ao serviço em rede conjuntamente, desenvolvendo assim uma nova forma de gerir o seu acervo museológico. Entretanto, antes de dar início ao assunto a ser trabalhado, é importante sabermos o significado conceitual de

redes e sistemas. Segundo Luis Fernando Mizukami (2014), os sistemas e as redes têm “uma origem na medicina” e ele ainda fala que ambos muito têm contribuído para a nossa sociedade:

A lógica das redes e sistemas tem permeado as formas de organização de nossa sociedade, em busca de estruturas que possibilitem aproximações e o desenvolvimento de esforços sinérgicos e cooperativos. (MIZUKAMI, 2014, p12).

Ou seja, quando o autor fala que “as redes e sistemas tem permeado as formas de organização da nossa sociedade” e que estas organizações podem de alguma forma contribuir com as “aproximações e o desenvolvimento de esforços sinérgicos e cooperativos”, significa que são atividades desenvolvidas entre indivíduos e grupos que almejam alcançar os mesmos objetivos.

Sobre organização, Dafne Borges da Silva Reis (2018) enfatiza sobre o surgimento de um novo conceito de redes, neste caso, de “redes organizacionais”. Segundo ela, trata-se de redes mais formalizadas, além de trabalharem na questão da autopreservação estrutural:

{...} São redes mais formalizadas, que não só tem objetivos mais definidos, como também buscam a autopreservação de sua estrutura. Trata-se um novo fenômeno, no qual organizações e indivíduos se articulam com a finalidade de aliar interesses em comum, ou resolver um problema complexo, ou ainda ampliar o raio de alcance de suas ações {...} As organizações, quando se articulam em rede, reconhecem que não podem alcançar determinados objetivos de modo isolado e por isso somam seus recursos aos de outras organizações, como, por exemplo, informações, conhecimento {...} (REIS, 2018, p.30)

Ambos os autores enfatizam que a organização em sociedade tem se tornado cada vez mais frequente. Entretanto, Reis (2018), deixa claro que é imprescindível que o serviço seja realizado em conjunto ao dizer que “... as organizações, quando se articulam em rede, reconhecem que não podem alcançar determinados objetivos de modo isolado...” (REIS, 2018). Com base na autora, se percebe que o trabalho em conjunto é de suma importância, de forma que é possível ampliar o conhecimento através das informações trazidas por cada indivíduo e/ou grupo.

Sobre o conceito de sistema e rede, Mizukami (2014) nos traz alguns autores que debatem acerca dos temas. Em relação à conceitualização de sistema, o autor fala que, “tradicionalmente”, se trata de uma “totalidade

organizada”. Já, sobre o conceito de rede, nos diz que está “muito ligado a evolução da tecnologia de comunicação e a expansão da Internet, a rede das redes, possibilitando a comunicação multimodal, a virtualidade nas relações e o processamento digital de informações”. (MIZUKAMI, 2014).

Mizukami (2014) e Reis (2018) chamam a atenção de que tanto os sistemas, quanto as redes também são utilizadas em diferentes áreas do conhecimento. O conceito de sistema que antes “estava ligado mais ao universo da biologia, fez sua transposição para o uso corrente em vários campos de conhecimento” (MIZUKAMI, 2014). E, em relação à rede, Reis (2018), fala que tal estrutura é utilizada “por pesquisadores das diferentes áreas das ciências sociais, de forma independente, ainda que compartilhem do mesmo objetivo” (REIS, 2018, p.30).

Na área da museologia, os sistemas e as redes são extremamente relevantes, conforme afirma o autor:

O fortalecimento dos Sistemas e Redes é fator de grande importância no atual contexto das políticas culturais para garantir o desenvolvimento da área museológica” e ainda que ambas as estruturas “configuram-se assim como instâncias para apoiar os museus no aprimoramento de sua consolidação como processo. (MIZUKAMI, 2014, p. 13,14 e 29).

Entretanto, é importante destacar que, apesar de ambas as estruturas estarem vinculadas a questão de conjuntos e serem utilizadas em inúmeras áreas do conhecimento, existem algumas diferenças:

Podemos dizer que ambos os conceitos, “sistema” e “rede”, estão vinculados a visão de conjuntos. Entretanto, o que os diferencia é a perspectiva: o “sistema” está mais relacionado ao ponto de vista da “totalidade”, a visão holística, a integração de partes em um todo estruturado; a “rede” está mais relacionada a conexão entre as partes, a visão das ligações entre os integrantes, a articulação das partes”. (MIZUKAMI, 2014, p.39).

Segundo a Legislação sobre Museus 2ª edição (2013), a função museológica é:

Um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu, tais como a coleção, conservação e exibição do patrimônio cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com produtos culturais. (Legislação sobre Museus, 2013, p.117)

Ou seja, além de serem fontes de informação, os museus também são espaços onde o público interage participando das atividades educativas desenvolvidas por estes. Pode-se dizer que é, junto da exposição, a principal forma de aproximação entre público e museu. As redes têm por objetivo, entre outros, potencializar as funções das instituições museológicas.

1.3. Redes de Museus pelo Mundo

Levando em consideração a importância dessas instituições, tanto no desenvolvimento social, quanto nas políticas culturais, Carvalho (2008) destaca que os museus passaram a ser mais reconhecidos na Europa e isso fez com que os governos de determinados países criassem o trabalho em rede, ampliando, dessa forma, a devida importância que essas instituições representam para a sociedade. É nesse momento que surgem as gestões em rede na Europa nos seguintes países: Alemanha, Holanda, Reino Unido, Irlanda, França, Espanha e Portugal.

A partir dos anos de 1980, com o aumento do reconhecimento da participação dos museus no desenvolvimento social e nas políticas culturais das sociedades, os governos de nações europeias como Alemanha, Holanda, Reino Unido, Irlanda, França, Espanha e Portugal demonstraram maior interesse pelos museus. Com isso, implementaram o sistema de redes, de credenciamento e uma legislação específica para a área museológica, gerando a explosão do universo dos museus e a discussão do tema. (CARVALHO, 2008, p.53)

As redes de museus europeias, segundo a autora, “funcionam verticalmente, horizontalmente ou ainda por sistemas mistos” e foram criadas por meio de códigos internacionais de museus, como o código de deontologia do ICOM⁷, além de documentos de acordo com os que são disponibilizados em congressos de museus. Ela ainda enfatiza que essas redes são de âmbito nacional, estadual e regional, mas há também as internacionais ou

⁷ O Código de Ética do ICOM foi aprovado por unanimidade pela 15ª Assembléia Geral do ICOM realizada em Buenos Aires, Argentina, em 4 de Novembro de 1986, modificado na 20ª Assembléia Geral em Barcelona, Espanha, em 6 de julho de 2001, sob o título Código de Ética do ICOM para os Museus e revisto pela 21ª Assembléia Geral realizada em Seul, Coreia do Sul, em 8 de outubro de 2004. Disponível em: http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf

transnacionais. As redes de âmbito internacional possuem um programa comunitário denominado Europeu Interreg III⁸ que tem como objetivos:

Desenvolvimento da cooperação transfronteiriça e ajuda às regiões situadas ao longo das fronteiras internas e externas da UE (União Européia), para ultrapassar os problemas resultantes do seu isolamento. O programa INTERREG possui três vertentes: Vertente A (Cooperação Transfronteiriça), Vertente B: Cooperação Transnacional e Vertente C: Cooperação Interregional, sendo que, cada uma possui a sua devida função. Vertente C: Cooperação Interregional: A cooperação inter-regional visa melhorar a eficácia das políticas e dos instrumentos de desenvolvimento regional e de coesão, através da constituição de redes de regiões desfavorecidas ou afetadas pelo declínio industrial. Os domínios prioritários de colaboração são motivo de uma comunicação específica.

O referido programa tem como função de desenvolver ações nos ramos sociais e econômicos em diferentes regiões, além de trabalharem conjuntamente em outras atividades, atuando “como parceiros na pesquisa, desenvolvimento tecnológico, educativo e cultural” (CARVALHO, 2008). Inclui-se também nesse âmbito a Rede Internacional de Museus da Paz⁹, localizada na cidade de Bradford, na Inglaterra e fundada no ano de 1992.

A Rede de Museus na França surge após a Revolução Francesa (período que aconteceu entre 1789-1799). Segundo Carvalho (2008), a rede francesa possui um selo denominado de “Musée de France”, o qual tem a função de realizar o credenciamento de museus. A Rede Francesa visa a “democratização do serviço ao público, a descentralização da cultura, maior participação estatal nas instituições museológicas” (CARVALHO, 2008). A Rede de Museus na Irlanda é formada por três instituições e no ano de 2006, o Programa de Padrões para Museus Irlandeses “Museums and Standards Programme for Ireland (MSPI) foi criado com base no ICOM. Esse programa de Normas para Museus da Irlanda¹⁰ promove “padrões profissionais no atendimento de coleções em museus e galerias irlandesas e ainda “reconhece

⁸ Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM%3Ag24204>

⁹ Em 2002, reuniram-se em Guernica, na Espanha, 130 representantes de Museus da Paz de todo o mundo para participar de um Congresso no qual se discutiu a violência que milhões de seres humanos sofreram e continuam a sofrer. Além disso, discutiu-se também a importância dos Museus da Paz na mediação da resolução de conflitos e como motor de museus para o alcance de um objetivo tão almejado: a paz.

¹⁰ Disponível em: <https://www.heritagecouncil.ie/projects/museum-standards-programme-for-ireland>

o cumprimento desses padrões por meio do credenciamento”. Essa rede “concentra suas atenções na questão da formação ao longo da vida”.

Na Holanda, a Associação Holandesa de Museus que é de âmbito estadual, disponibiliza serviços tanto para os museus privados, quanto para os museus locais e é um sistema que também se baseia no código de ética do ICOM, voltado ao público desde 1999. A Associação possui “programas que estimulam” a ida do público aos museus, além de “ações de cooperação internacional com programas de formação, troca de conhecimento, acesso e mobilidade das coleções” (CARVALHO, 2008).

Na Alemanha, as redes são de âmbito regional e a autora frisa que tal sistema está disponível para todas as regiões do país. O referido trabalho em rede acontece desde o ano de 2005 e através de um sistema de credenciamento, qualifica os museus. O foco desta rede está voltado para a “questão da gestão, mediante um plano museológico e a missão do museu, organização e gestão das coleções, pesquisa, conservação, exposição e comunicação”. (CARVALHO, 2008)

As redes espanholas, com âmbito nacional e regional, pode-se dizer que são uma das mais organizadas da Europa. Os sistemas de redes nesses locais foram criados em 1990, nas regiões de Catalunha e Andaluzia, respectivamente. Esses sistemas espanhóis impulsionam programas de “formação, apoio técnico e financeiro aos museus”, sendo que a região de Andaluzia possui um sistema voltado para o credenciamento de museus que pode possibilitar a criação de novas instituições museológicas.

Há também na Espanha uma estrutura que trabalha especialmente com redes temáticas e, como um dos exemplos, a autora menciona os Centros de Ciências e Tecnologia da Comunidade de Madrid, que possuem um programa de atividades voltadas para o patrimônio científico da comunidade local.

Como a cidade concentra uma grande quantidade de museus e centros de ciências, esta rede propõe a preservação da cultura científica e da sua história, por meio de ações conjuntas de formação e de projetos educativos dirigidos a todos os cidadãos, além da produção de eventos e divulgação. (CARVALHO, 2008, p55)

A ideia dessa estrutura temática surgiu através da Direção Geral de Universidades e Pesquisa do Conselho de Educação da Comunidade local e parte do programa Ciência e Sociedade, que tem por objetivo:

Organizar as ações das instituições envolvidas na rede e divulgá-las para aumentar a visitação desses espaços que preservam o patrimônio científico das universidades públicas de Madrid. Que ações são essas? Exposições, oficinas e demais atividades de difusão do conhecimento científico. Podem participar da rede todos os museus, centros de ciência e os museus universitários cujas coleções constituem o patrimônio científico e tecnológico das universidades públicas localizadas em Madrid (CARVALHO, 2008, p.55 e 56)

Desta forma, através dessas ações desenvolvidas pelas instituições museológicas em Madrid, o público pode visitar esses espaços com mais frequência. Além disso, a autora nos diz que todos os museus, inclusive os universitários, e os Centros de Ciência podem fazer parte da rede desde que estejam voltados para o patrimônio científico e tecnológico das universidades públicas que se encontram na capital da Espanha.

Em Portugal, a Rede Portuguesa de Museus (RPM), a qual foi “uma das Redes que inspirou a criação do Sistema Brasileiro de Museus”. (CARVALHO, 2008), foi criada em 2000 e atualmente conta com 156 instituições museológicas¹¹. Segundo o site, a RPM é “um sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus. E, ainda, conforme esse mesmo site, a rede é “um instrumento essencial na execução da política museológica nacional e na qualificação dos museus portugueses.

Os objetivos da RPM são:

A valorização e a qualificação da realidade museológica nacional, a cooperação institucional e a articulação entre museus, a descentralização de recursos, o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos, decorrentes da aplicação de fundos comunitários, em museus, a difusão da informação relativa aos museus, a promoção do rigor e do profissionalismo das práticas

¹¹ Assinado pela ministra da Cultura, Graça Fonseca, o documento oficial aprova a credenciação das seguintes instituições: Museu do Centro Hospitalar do Porto, Museu de Aguarela Roque Gameiro, em Minde, Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento, Museu da Saúde, em Lisboa, e Centro Internacional de Artes José de Guimarães, em Guimarães. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/rede-portuguesa-de-museus-passa-a-integrar-cinco-novos-membros-10734282.html>

museológicas e das técnicas museográficas, o fomento da articulação entre museus e a valorização formativa dos seus profissionais¹².

Carvalho (2008) destaca que, para se filiar a RPM, é necessário “um plano museológico com o regulamento interno do museu, política de aquisições, plano de segurança e o cumprimento de normas e procedimentos de conservação preventiva”. (CARVALHO, 2008). Além disso, a Rede dispõe de um boletim¹³, o qual, por meio de suas publicações trimestrais em relação às informações, ajuda na divulgação das atividades desenvolvidas pelas instituições que a compõe.

Durante a pesquisa, se encontrou mais informações sobre as redes europeias e é de suma importância destacá-las. A NEMO¹⁴ (Rede de Organizações de Museus Europeus) foi fundada em 1992 “como uma rede independente de organizações nacionais de museus que representam a comunidade museológica dos estados membros do Conselho da Europa”. Sua missão é garantir “que os museus sejam parte integrante da vida europeia, promovendo seu trabalho e valor para os formuladores de políticas e fornecendo informações, redes e oportunidades de cooperação aos museus”.

A NEMO tem como objetivo principal “apoiar os museus europeus em seus esforços para abraçar e explorar plenamente seu potencial na mudança digital e desenvolver suas capacidades organizacionais nas quatro áreas estratégicas” e desenvolve as seguintes ações:

I - informar os nossos membros e setor de museus em geral sobre as políticas europeias em matéria de cultura e museus atuais e potenciais, e sobre as oportunidades de financiamento oferecidas pelos vários programas da UE.

II - Para isso, mantemos **contato** com instituições relevantes da União Europeia e publicamos regularmente notícias sobre programas e iniciativas da UE.

III - Permitimos que os museus trabalhem em rede e compartilhem as melhores práticas em nível europeu e ajudamos os profissionais de museus a colaborar em projetos multilaterais através de nosso site e rede.

¹² Ver mais sobre Rede Portuguesa de Museus em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

¹³ Exemplo de Boletim da RPM- Boletim da RPM Nº 28. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/boletins_rpm/brpm_n2_8.pdf

¹⁴ Ver mais sobre NEMO em: <https://www.ne-mo.org/about-us.html>

IV- Trabalhamos com outras organizações de redes culturais na Europa para enfatizar causas e objetivos comuns e mostrar como as atividades culturais podem ser fortalecidas trabalhando juntas.

V- A NEMO oferece intercâmbios internacionais e cursos de treinamento, bem como seminários on-line sobre diferentes tópicos relevantes para o setor de museus para seus membros e profissionais do museu na Europa.

No ano de 2000 foi criada a Rede de Museus Ásia-Europa (ASEMUS)¹⁵, em Estocolmo. A fundação da rede aconteceu durante a “Conferência Ásia-Europa de museus, organizada pelo Museu Nacional da Cultura Mundial (Suíça) e pela Fundação Ásia-Europa (ASEF)”.

A ASEMUS é uma rede transcultural que envolve vários países Asiáticos e Europeus, alguns deles, inclusive, já foram mencionados anteriormente no decorrer do texto¹⁶ e tem como objetivos: “promover o entendimento mútuo entre os povos da Ásia e da Europa por meio de atividades culturais colaborativas baseadas em museus; e estimular e facilitar o compartilhamento e o uso de coleções de museus”

O endereço eletrônico da referida rede nos disponibiliza também informações sobre as atividades desenvolvidas por seus membros, dentre elas, podemos citar: exposições, Curso de Desenvolvimento Profissional, Fóruns, Simpósios, etc.

Na Austrália, a Associação Australiana de Museus e Galerias Incorporada (AMaGA)¹⁷ é uma associação nacional que compreende museus (de âmbitos nacionais, estaduais e regionais), “galerias, locais históricos, jardins botânicos e zoológicos, centros culturais indígenas e locais de manutenção” em todo o país.

Nos Estados Unidos, as redes são de âmbitos públicos ou privados, além das associações que se destacam pela realização do trabalho em conjunto, as quais envolvem algumas tipologias de museus como “National

¹⁵ Ver mais sobre a ASEMUS em: <http://asemus.museum/about-us/>

¹⁶ Em abril de 2018, a rede ASEMUS incluía 181 membros (incluindo 15 organizações afiliadas): 114 da Ásia, 63 da Europa e 4 organizações internacionais. Disponível em: <http://asemus.museum/asemus-members/>

¹⁷ Ver mais sobre a AMaGA em: <https://www.amaga.org.au/who-we-are>

Park Service, A National Trust For Historic Preservation, American Association of Museums e Southeast Museum Conference”. (CARVALHO, 2008).

No Continente Americano, o sistema de redes na Colômbia foi criado a partir de 1992 e tem como principais finalidades:

a implementação e atualização do banco de dados que se consolidou em 1994, com o objetivo de conhecer a realidade dos museus colombianos e fazer um mapeamento, um plano de apoio a elaboração do inventário, registro e catalogação de seus acervos, e ações de capacitação – que só puderam desenvolver-se a partir de 2001, com a abertura de cursos de Museologia da Universidade Nacional de Colombia e da Universidade Externado de Colombia. A partir da interação entre a Rede Nacional e as universidades estão sendo criadas as redes departamentais ou regionais, com o objetivo de solucionar os problemas comuns locais. (CARVALHO, 2008, p.58)

Nesta rede, a autora chama a atenção para os problemas nela encontrados, e não são poucos, estes que estão direcionados as “mudanças políticas dos governos regionais, falta de pessoal com formação profissional, dificuldade de comunicação e a falta de informatização de algumas regiões” (CARVALHO, 2008). Esses problemas foram descobertos através de um questionário realizado com diferentes instituições museológicas, no total de 131 museus. Todos eles apontaram a existência de problemas bastante semelhantes em relação à “falta de inventários, falta de interação com a comunidade, ausência de planejamentos”, dentre outros.

Em comum pode-se destacar que todas as redes mencionadas, em que pese suas especificidades, procuram resolver problemas comuns às instituições, promover ações conjuntas, integrar e criar canais de diálogo entre os museus associados.

Destaca-se também o uso de plataformas digitais que disponibilizam acervos (catálogos), em alguns casos promovem a gestão de acervos museológicos oferecendo aos museus bases de dados comuns on-line, como o caso do DOMUS na Espanha¹⁸ e ainda plataformas que permitem conhecer os museus pertencentes às redes específicas, sejam temáticas ou territoriais,

¹⁸Disponível em: <http://www.culturaydeporte.gob.es/cultura/mc/bellasartes/exposicion-virtual-presentacion/exposicion-virtual-secciones/funciones-patrimonio/10domus.html>

como o caso dos Musées de France, que congrega quase a totalidade dos 1240 museus daquele país.¹⁹

1.4. As Redes de Museus no Brasil

Conforme Carvalho (2008), as Redes de Museus no Brasil surgiram nos anos de 1980, porém a autora ressalta que algumas estruturas neste período não tiveram continuidade. Já no final da década de 1990, novas estruturas de redes foram criadas baseadas no Sistema Brasileiro de Museus:

Da Política Nacional de Museus, lançada em 2003, nasce o Sistema Brasileiro de Museus, modelo institucional que organiza os museus do país, sejam eles municipais, federais, estaduais, de âmbito público ou privado, desde que sejam considerados de interesse público. (CARVALHO, 2008, p.60).

Segundo o artigo 55 da Legislação sobre Museus 2ª edição, o Sistema de Museus é uma rede organizada de instituições museológicas, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa à coordenação, articulação, à mediação, à qualificação e à cooperação entre os museus. (Legislação Sobre Museus, p.37).

A criação dos sistemas e de redes no Brasil comporta associações de museus no âmbito federal (Sistema Nacional de Museus), estadual (Sistemas Estaduais) e municipal (Sistemas Municipais). Apresentaremos brevemente alguns desses sistemas.

1.4.1. Sistema Brasileiro de Museus

Criado através do Decreto nº 5.264 de 5 de Novembro de 2004 e revogado pelo Decreto nº 8.124 de 17 de Outubro de 2013, o Sistema Brasileiro de Museus (SBM)²⁰ é um “marco na atuação das políticas públicas voltadas para o setor museológico, onde cumpre uma das premissas na Política Nacional de Museus”.

O Sistema tem por finalidade “facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros” e contribuir para o “fortalecimento e criação de sistemas regionais de museus”, bem também

¹⁹Disponível em: <http://www.les-musees-de-france.fr/>

²⁰ Revogado pelo Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sistemas/sistema-brasileiro-de-museus/>

como a institucionalização de novos sistemas estaduais e municipais de museus e a articulação de redes temáticas de museus”.

É importante destacar que o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) foi o órgão que impulsionou a criação de redes e sistemas no país quando desenvolveu um programa denominado Acervo em Rede, um “Sistema de Catalogação e Gestão do Patrimônio Museológico”. O “Acervo” ²¹, nome proposto pelo coordenador do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM/RS) Joel Santana da Gama tem o “desafio de promover, por meio da Internet, o acesso dos cidadãos aos bens culturais preservados nos museus de todo o território nacional”.

Segundo a Legislação sobre Museus (2013), em janeiro do ano de 2009, a Lei nº 11.904²², que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, e a Lei nº 11.906²³ que criou o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) ²⁴, mencionam o Cadastro Nacional de Museus (CNM). Segundo o Decreto nº 8.124 de 17 de Outubro de 2013, o CNM foi criado com o objetivo de produzir “conhecimentos e informações sistematizadas sobre o setor museológico brasileiro em toda sua diversidade”.²⁵

Criado há treze anos, no ano de 2006, o CNM é responsável pelo mapeamento de mais de três mil instituições museológicas no Brasil, se tornando assim “uma importante fonte de informações sobre os museus brasileiros.” Em 2015, com a finalidade de “promover maior transparência na gestão pública, garantir a contribuição da sociedade e acurar a qualidade dos dados, o CNM adotou a plataforma Museusbr” ²⁶, que tem como função:

²¹ Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acervo-em-rede-sistema-desenvolvido-pelo-ibram-ja-tem-nome/>

²² Menciona o Cadastro Nacional de Museus (CNM) (no artigo 59, inciso VIII) como um dos objetivos específicos do Sistema Brasileiro de Museus (SBM): VIII- contribuir para a implementação, manutenção e atualização de um Cadastro Nacional de Museus).

²³ Menciona o Cadastro Nacional de Museus (CNM) (no artigo 4, inciso IX) de suas competências: IX- implantar e manter atualizado Cadastro Nacional de Museus visando a produção de conhecimentos e informações sistematizadas sobre o campo museológico brasileiro).

²⁴ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/86/cadastro-nacional-de-museus>

²⁵ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2013/decreto-8124-17-outubro-2013-777268-publicacaooriginal-141489-pe.html>

²⁶ Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>

Gerar páginas eletrônicas para os museus, o que aumenta sua visibilidade, permitindo a divulgação de seus eventos e possibilitando ainda a interligação com agendas municipais, estaduais, regionais, temáticas etc. Como a plataforma é colaborativa, qualquer pessoa pode contribuir na tarefa de mapear as instituições de memória do país, os eventos promovidos, as ações culturais desenvolvidas nessa área e ainda ajudar a manter atualizadas as informações divulgadas, configurando um serviço de melhor qualidade para a sociedade brasileira.

1.4.2. Sistemas Estaduais de Museus: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo.

No Rio Grande do Sul, o Sistema Estadual de Museu é um “órgão da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, que visa sistematizar e implementar políticas de integração e incentivo aos museus de todo o estado, com diretrizes estabelecidas de forma democrática e participativa por estas instituições”. Foi iniciado em 1986, alguns anos antes da criação do Sistema Nacional de Museus (SNM)²⁷ sendo que, quatro anos depois, em 1990, foi definida a divisão regional do Rio Grande do Sul em sete regiões museológicas: Porto Alegre, Farroupilha, Erechim, São Luiz Gonzaga, Santa Maria, Dom Pedrito e Piratini, formando assim, o Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul.

O Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM/RS)²⁸ foi oficialmente criado através do Decreto nº 33.791 de 21 de Janeiro de 1991 e tem por objetivo:

- I. Promover a articulação entre os museus do Estado, estabelecendo critérios e programas de atividades formativas e qualificação dos museus;
- II. divulgar padrões e procedimentos técnicos que sirvam de orientação aos museus;
- III. estimular parcerias para realização de projetos culturais e educativos dos museus junto às comunidades e,
- IV. apoiar o desenvolvimento de uma política cultural de integração e incentivo aos museus de todo o Estado.

²⁷ O Sistema Nacional de Museus operou até sua extinção, juntamente com o Ministério da Cultura, ocorrido em 17 de março de 1990 através de medida provisória do Governo Collor. O Ministério da Cultura retornou dois anos depois no governo Itamar Franco, por meio da publicação da Lei nº 8.940, de 19 de novembro de 1992.

²⁸ Ver mais sobre o SEM/RS em: <http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/semrs/>

O SEM/RS é constituído por sete coordenadores, sendo que cada um destes representa uma das sete regiões envolvidas. É importante ressaltar também que o referido sistema disponibiliza meios para que as instituições museológicas possam participar regularmente de atividades como reuniões, exposições e cursos, estas que acontecem na sede de cada uma das regiões.

Já o Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SEM/SC), vinculado a Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura (DPPC/FCC), foi criado por meio do Decreto nº 615, de 10 de Setembro de 1991²⁹. O sistema baseia-se na adesão voluntária e visa “a articulação, mediação, qualificação, fortalecimento e a cooperação entre os museus”. Podem fazer parte do SEM/SC:

Instituições museológicas municipais, estaduais, federais e de caráter privado, sediadas no Estado de Santa Catarina; Grupos étnicos e culturais e organizações sociais que mantenham ações museológicas continuadas no Estado; Escolas e universidades reconhecidas pelo Ministério da Educação, que mantenham curós relativos ao campo museológico no Estado de Santa Catarina e; Outras entidades organizadas vinculadas ao setor museológico com atuação e ações continuadas no Estado de Santa Catarina.

Conforme o Decreto nº 599, de 18 de Outubro de 2011³⁰, que dispõe sobre o SEM/SC e estabelece outras providencias. São objetivos do sistema:

I - promover a articulação entre as instituições museológicas existentes no estado, respeitada a autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnico – científica de cada uma delas;

II - estimular e promover o desenvolvimento de programas, projetos e atividades museológicas entre as instituições integrantes do Sistema, respeitando e valorizando o patrimônio cultural de cada comunidade de acordo com as suas especificidades;

III - divulgar padrões e procedimentos técnico-científicos que sirvam de orientação as equipes responsáveis pelas instituições museológicas estabelecidas no Estado;

²⁹Em 2006, foi sancionado o Decreto nº 4.163, reinstituindo o Sistema Estadual de Museus, tornando-o responsável pela coordenação e sistematização da PEM e articulação entre os museus catarinenses. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/index.php/governo/acoesdegoverno/cultura/sistema-estadual-de-museus-sem-sc>

³⁰Disponível em: <http://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-599-2011-santa-catarina-dispoe-sobre-o-sistema-estadual-de-museus-de-santa-catarina-e-estabelece-outras-providencias>

IV - estimular e promover programas e projetos de incremento e qualificação, bem como incentivar a formação, atualização e valorização dos profissionais de instituições museológicas existentes no Estado;

V - estimular a participação de museus no sistema independente do tipo, porte e do segmento da sociedade do qual derivam ou fazem parte;

VI - incentivar a criação de redes e sistemas municipais e regionais de museus, bem como promover o intercâmbio com sistemas e redes nacionais e internacionais;

VII - criar cadastro e incentivar a inclusão de dados, promovendo sua manutenção e atualização das instituições museológicas estabelecidas no Estado;

VIII - propor a criação e o aperfeiçoamento de instrumentos legais, para aprimoramento de instituições museológicas;

IX - propor medidas para a política de segurança e proteção de acervos, instalações e edificações dos museus no Estado; e

X - estimular políticas de permuta, aquisição, documentação, investigação, preservação, conservação, restauração e difusão de acervos museológicos no Estado.

O Sistema Estadual do Rio de Janeiro (SIM-RJ) foi criado pelo Decreto nº 42.306 do ano de 2010, sendo alterado mais adiante, em 2018, através do Decreto nº 46.332³¹, tendo por objetivo “promover políticas de articulação e fortalecimento institucional da rede fluminense de museus, com vistas à pesquisa, conservação e difusão de acervos museológicos do estado do Rio de Janeiro”.

O Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM/SP), antes denominado de Sistema de Museus do Estado de São Paulo³² é uma instância da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, que “congrega e articula” os museus paulistas. Foi oficialmente criado no dia 13 de janeiro de 1986 através do Decreto nº 26.634, assinado pelo Governador do Estado naquela época, Franco Montoro, pelo Secretário do Estado da Cultura, Jorge da Cunha Lima e pelo Secretário de Governo, Luiz Carlos Bresser Pereira, sendo assim o primeiro Sistema de Museus criado no Brasil. Em 2011,

³¹Disponível em: <http://www.museusdoestado.rj.gov.br/sistema-estadual-de-museus/>

³²Ver mais sobre o histórico do SISEM/SP em: <https://www.sisemsp.org.br/historico/>

através do Decreto nº 57.035 de 2 de Junho, o sistema adquire sua nova nomenclatura (SISEM/SP), além de promover “a adequação as normativas previstas no recém promulgado Estatuto de Museus (Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009)”.

Atualmente, o sistema é coordenado pela Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo UPPM/SEC)³³ e tem por objetivo “promover a qualificação e o fortalecimento institucional em favor da preservação, pesquisa e difusão do acervo museológico do Estado”. Participam do sistema de museus mais de 400 instituições, de caráter público e privado, que se distribuem em 190 municípios do Estado Paulista.

1.4.3. Sistemas Municipais de Museus: Ouro Preto (MG), Pelotas, Rio Grande e Santa Maria (RS)

O Sistema Municipal de Museus de Ouro Preto, em Minas Gerais, segundo as informações do seu endereço eletrônico, foi instituído pela Lei nº 305 de 07 de Dezembro de 2006³⁴. Segundo o artigo 1 desta Lei, as atividades dos museus do município serão realizadas “sob a forma de sistema, seguindo as diretrizes do Sistema Brasileiro de Museus e Sistema Estadual de Museus, sob a denominação de Sistema de Museus de Ouro Preto”. O artigo 3 desta mesma lei nos diz que são atribuições do sistema:

- I – promover, apoiar e estimular a articulação entre os museus existentes no Município, respeitada sua autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnica;
- II - formular uma Política Municipal de Museus para Ouro Preto;
- III – definir diretrizes gerais de orientação para o cumprimento dos objetivos do Sistema;
- IV – estabelecer critérios de identidade baseados no papel e na função do museu junto à comunidade em que atua;
- V – estimular e acompanhar a criação de programas de atividades, de acordo com as especificidades e o desenvolvimento da ação cultural de cada entidade museológica, em consonância com a diversidade cultural do Município;
- VI - criar e manter ponto de apoio para atendimento e divulgação coletiva do Sistema de Museus;
- VII – propor e divulgar padrões e procedimentos técnicos que sirvam de orientação aos gestores dos museus;

³³Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/o-que-e-o-sisem-sp/>

³⁴ Disponível em: http://www.museusouopreto.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=74

VIII – possibilitar meios de assistência técnica às entidades participantes do Sistema, de acordo com as necessidades e também nos aspectos relacionados à adequação, fusão e reformulação de museus;

IX– proporcionar meios para o desenvolvimento de programas de incremento, melhoria e atualização de recursos humanos, visando o aprimoramento do desempenho museológico;

X – propor formas de provimento de recursos destinados à área museológica do Município;

XI – estimular a participação democrática dos diversos segmentos da sociedade, inclusive da iniciativa privada, reforçando os interesses na viabilização e manutenção dos objetivos do Sistema;

XII - estimular propostas de realização de atividades culturais e educativas dos museus junto às comunidades;

XIII – acompanhar, regularmente, os programas e projetos desenvolvidos pelo Sistema, avaliando, discutindo e divulgando os resultados;

XIV – promover e facilitar contato com entidades estaduais, nacionais ou internacionais, capazes de contribuir para a viabilização dos projetos das instituições filiadas ao Sistema;

XV – ter assento nos Conselhos Municipais de Cultura, Educação, Patrimônio e Turismo de Ouro Preto

XVI – promover o aprimoramento do Sistema. (Lei nº 305 de 07 de Dezembro de 2006).

Segundo o site³⁵ existem no Rio Grande do Sul três sistemas municipais de museus, localizados nas seguintes cidades: Rio Grande, Pelotas e Santa Maria. O Sistema Municipal de Museus de Rio Grande foi criado no dia 06 de Maio de 2008 através do Decreto nº9. 936. Já o Sistema Municipal de Pelotas³⁶ foi instituído pelo Decreto nº 4.895 de 15 de Setembro do ano de 2006. Os objetivos desse sistema são: “articulação entre os museus existentes no município; disseminação de padrões e procedimentos técnicos; o desenvolvimento de programas de melhoria e atualização de recursos humanos; implantação de programas educativos e atividades culturais; fomento e assessoria a projetos museológicos em desenvolvimento”. O terceiro sistema que compõe o Sistema Municipal do Rio Grande do Sul, o Sistema Municipal de Santa Maria (SMM/SM), foi criado em 2004 e instituído pela Lei nº 5.136 de 22 de outubro de 2008.

³⁵ A página do Sistema Municipal de Museus de Pelotas <http://www.pelotas.com.br/smm/> não está funcionando . Já o link da página do Sistema Municipal de Museus de Rio Grande não se encontra disponível no site pesquisado. Disponível em: <http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/sistemas-municipais-de-museus-do-rs/>

Pode-se dizer que a criação desse sistema se deu através de alguns representantes de museus. Em 2004, seis representantes de instituições museológicas do município receberam um convite da Diretora do Theatro Treze de Maio, Ruth Peiron, para uma exposição, que não veio a acontecer devido à falta de recursos. Inicialmente, no âmbito municipal, o grupo contava com seis representantes das seguintes instituições: Museu Vicente Pallotti, Museu Treze de Maio, Casa de Memória Edmundo Cardoso, Museu Ferroviário e o Museu Educativo Gama D Eça. No entanto, o número de integrantes ampliou-se³⁷ no decorrer dos anos e com isso surgiu a ideia da criação do Sistema Municipal, baseado na Política Nacional de Museus³⁸. O SMM/SM possui a missão de: “facilitar e estimular o diálogo entre os museus, instituições e processos museológicos afins contribuindo na interação e fortalecimento de uma diversificada rede de parceiros com função de preservar, gerenciar e socializar o patrimônio histórico, cultural e científico municipal” e as suas atividades acontecem através de exposições, divulgação, oficinas e palestras.

1.5. Redes Temáticas

Além dos mencionados Sistemas, podemos destacar algumas redes temáticas de museus, como a dos museus-casas, que entre outros promove encontros anuais,³⁹ com destaque para os Museus-Casa de Literários, museus do esporte e ferroviários.

1.5.1. Museus Casas

A Rede de Museus-Casa Literários⁴⁰ de São Paulo foi criada pela Secretaria de Estado e Cultura do Estado de São Paulo, sendo desenvolvida por três instituições museológicas: o Museu Casa das Rosas, o Museu Casa Guilherme de Almeida e o Museu Casa Mário de Andrade, as quais são vinculadas a referida Secretaria de Estado.

³⁷ São dezesseis instituições no total que fazem parte do SMM/SM. Disponível em: <https://sistemademuseusm.wixsite.com/museum/quem-somos>

³⁸ Que a partir de 2003 começou a implantar e sistematizar uma rede nacional de museus para torná-los cada vez mais representativos na diversidade cultural do país. Disponível em: <https://sistemademuseusm.wixsite.com/museum/historia>

³⁹ Disponível em: <http://www.museusliterarios.org.br>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/articulacao/o-fortalecimento-das-redes-tematicas/rede-de-museus-casas-literarios-de-sao-paulo/>

Atuando em conjunto, as instituições “desenvolvem programas de modo colaborativo, com relações conceituais e temáticas, preservando-se, no entanto, a especificidade de cada uma delas”, ou seja, são três instituições unidas pela preservação de suas respectivas identidades.

Fazem parte desta rede, além dos três museus-casas mencionados anteriormente: a Casa de Cultura Euclides da Cunha, a Casa Menotti Del Picchia, o Museu da Língua Portuguesa, o Museu Histórico Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, o Museu Histórico Paulo Setúbal e o Museu Histórico Pedagógico e Folclórico Cornélio Pires.

1.5.2. Rede de Memória do Esporte

Outro exemplo de rede temática paulista é a Rede de Memória do Esporte, articulada em setembro de 2011 durante o evento “denominado de I Seminário Internacional Memória e Esporte” ⁴¹, onde os representantes de oito estados brasileiros perceberam a importância de criar uma rede para a preservação da memória do esporte.

Criada no ano de 2012, a Rede de Memória do Esporte uniu instituições museológicas relacionadas ao esporte, que além de preservar e divulgar o patrimônio cultural esportista desenvolve “ações cooperativas e articulação entre as instituições, visando à qualificação de seus serviços”.⁴² Fazem parte desta rede, com localizações em São Paulo, Santos, São José dos Campos e Araraquara, as seguintes instituições: Centro de Memória Esportiva Museu Devaney, Centro Pro - Memória Hans Nobiling Esporte Clube, Clube Atlético São Paulo- Memorial Charles Miller, Memorial do São Paulo Futebol Clube, dentre outras.

1.5.3. Museus Ferroviários

A Rede Temática de Museus Ferroviários⁴³ foi criada no ano de 2016 através da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo,

⁴¹ Disponível em: <http://rededememoriadoesporte.blogspot.com/p/historico.html>

⁴² Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/articulacao/o-fortalecimento-das-redes-tematicas/rede-de-memoria-do-esporte/>

⁴³ Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/articulacao/o-fortalecimento-das-redes-tematicas/rede-de-museus-ferroviarios/>

juntamente com a Organização Social de Cultura ACAM Portinari e tem por objetivo “contribuir para a preservação e difusão do patrimônio ferroviário” de São Paulo”. Através do portal “Museus Ferroviários SP”, os profissionais das instituições museológicas envolvidas na rede que visam preservar a memória ferroviária ou ainda que tenham algum acervo voltado para esse tipo de museu, podem “produzir, atualizar, revisar e divulgar conteúdos relacionados ao tema”.

Segundo o site, as seguintes instituições que compõe a Rede Temática de Museus Ferroviários são: Museu da Companhia Paulista, Museu da Estrada de Ferro Sorocabana, Museu Ferroviário de Indaiatuba, Museu Ferroviário Francisco Aureliano de Araújo e Museu Ferroviário Regional de Bauru.

Essas foram algumas redes temáticas que podemos citar entre outras existentes.

1.6. Redes de Museus Universitários

Conforme Mauricio Candido da Silva (2019) ⁴⁴ a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários surgiu em 2017 com o intuito de unir indivíduos que desenvolvem atividades em museus universitários no Brasil. O principal objetivo da Rede Brasileira está relacionado com a “preservação e divulgação do patrimônio museológico universitário”. (SILVA, 2019).

1.6.1. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ⁴⁵ foi criada no ano de 2000, institucionalizada no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão e tem como objetivos:

I - Diretrizes políticas: Propor, debater e refletir sobre diretrizes políticas norteadoras dos museus e espaços de ciência e cultura da Universidade, em consonância com a missão da UFMG e com as políticas nacionais para os museus;

II - Integração: Integrar os espaços de Ciência e Cultura da UFMG, promovendo ações conjuntas, na aproximação entre Educação, Ciência e Arte;

⁴⁴ A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: Proposição, Pesquisa, Colaboração e Manifestação de Apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. (2019).

⁴⁵ Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/historia>

III - Capacitação e atualização: Promover a capacitação/atualização científica, tecnológica e cultural de professores, estudantes e outros profissionais que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede, por meio de cursos, seminários, visitas técnicas a outros espaços;

IV - Visitação: Ampliar quantitativa e qualitativamente o atendimento ao público visitante dos Espaços da Rede;

V - Divulgação, intercâmbio institucional e parcerias: Continuar divulgando a missão, as ações e as potencialidades da Rede entre instituições congêneres, universidades e instituições de ensino e pesquisa locais, regionais, nacionais e estrangeiras, visando promover o intercâmbio e estabelecer parcerias;

VI - Intercâmbio científico, tecnológico e cultural: apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre os Espaços integrantes da Rede e entre estes e as comunidades interna e externa a UFMG; e

VII - Gerenciamento, conservação e estratégias de uso e acesso as coleções: Definir políticas de gerenciamento, de conservação preventiva e estratégias de uso e acesso as coleções, mantendo cadastros atualizados de acervos, visitantes, eventos e atividades dos membros da Rede.

Atualmente, a Rede está sendo reestruturada com o intuito de “fortalecer as políticas de salvaguarda e extroversão do patrimônio cultural, científico e tecnológico da UFMG, incluindo coleções privadas de professores e alunos que ajudam a compor a história e a memória da instituição e de suas ações voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão.

1.6.2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Lançada em maio do ano de 2012, coordenada pelo Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pelo Curso de Museologia, a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS⁴⁶ tem como proposta “unir espaços de memória da Universidade no desenvolvimento de ações estratégicas de gestão e valorização do patrimônio”. Além de abrigar “bens culturais tangíveis e intangíveis”, pensa-se também realizar atividades voltadas para a capacitação de servidores da Universidade.

Fazem parte da Rede, “até o momento” as seguintes instituições: Memorial da Faculdade de Farmácia, Museu de Ciências Naturais do CECLIMAR, Museus do Motor, SUINFRA, Arquivo Histórico do Instituto de

⁴⁶ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/lancada-rede-de-museus-e-acervos-museologicos-da-ufrgs>

Artes, Herbário ICN – Instituto de Biociências, Centro de Memória do Esporte, Memorial da Imigração e Cultural Japonesa da UFRGS, Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert, Museu Claudio Job – Faculdade de Odontologia, Museu de Topografia Prof. Laureano Ibrahim Chaffe, Museu de Informática e Museu da UFRGS.

1.6.3. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

A Rede de Museus da UFPel, fundada em 2017, é um órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, sendo composta por representantes de museus da universidade, desde que tais instituições estejam em pleno funcionamento, a serviço da comunidade, além de “projetos de extensão relacionados as atividades museológicas. Ainda fazem parte da composição da Rede, outras iniciativas relacionadas aos acervos ou coleções existentes dentro da Universidade.

Segundo Silvana de Fátima Bojanoki (2018), Coordenadora da Rede de Museus da UFPel, a rede se encontra em “plena expansão, que se fortalece na medida em que novos e diversos colaboradores encontram espaços para dar visibilidade e divulgar projetos, pesquisas e acervos existentes nas unidades da UFPel”. (BOJANOKI, 2018, p.13). Especificamente essa Rede, objeto de nosso estudo, será tratada no capítulo seguinte.

Capítulo 2 : A Rede de Museus da UFPel e sua Composição

Neste segundo capítulo, abordaremos sobre a Rede de Museus da UFPel, objeto de nossa pesquisa, analisando cada um dos museus e projetos vinculados a mesma.

2.1. Rede de Museus da UFPel

Segundo Silvana de Fátima Bojanoki (2018), para que o trabalho em rede tenha resultados positivos é preciso unir três ações essenciais, as quais incluem: “conexão, articulação e fortalecimento” (BOJANOKI, 2018, p.12). Desta forma, segundo a autora Noris Mara Pacheco Martins Leal (2015, 2016, 2017) “na busca do fortalecimento da sua memória e a afirmação de seus museus como instituições de primeira grandeza” (LEAL, 2015, 2016, 2017, p.13), a Rede de Museus da UFPel foi criada pela Resolução do Consun (Conselho Universitário) nº 15, de 28 de Setembro de 2017. Órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Rede tem como missão “unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na Universidade, visando a implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade”.

Conforme o regimento interno⁴⁷, a Rede de Museus da referida Universidade “reger-se-á pelo Regimento Geral da Universidade Federal de Pelotas, pelo Estatuto de Museus (Lei Federal Nº 11.904) de 14 de janeiro de 2009, pelo Decreto Lei nº 8.124 de 17 de outubro de 2013⁴⁸, por este Regimento Interno e pela Legislação vigente, tendo como objetivos:

I - Refletir, debater e propor políticas de acervo, bem como diretrizes para os museus acervos, processos e projetos museológicos da Universidade, em consonância com o regimento e o PDI da UFPel e com as respectivas políticas nacionais da área;

⁴⁷ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/07/RES.152017-Reg.-Int.-Rede-Museus.pdf>

⁴⁸ Publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 18 de outubro de 2013, o decreto presidencial nº 8.124, de 17 de outubro de 2013, vem regulamentar a Lei 11.904/2009, denominada Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009, de criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) – autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/decreto-8-12413/>

II - promover a capacitação dos servidores que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede de Museus;

III - divulgar a missão, as ações e potencialidades da Rede de Museus entre instituições congêneres, universidades e instituições de ensino e pesquisa locais, regionais, nacionais e estrangeiras, visando promover o intercâmbio e estabelecer parcerias;

IV - apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre os integrantes da Rede de Museus e entre estes e as comunidades interna e externa da UFPel;

V - valorizar e divulgar o patrimônio museológico da UFPel;

VI - manter atualizado o inventário dos acervos da UFPel;

VII - manter informações atualizadas no site da Rede sobre eventos e programação dos integrantes da Rede;

VIII - propor e encaminhar projetos de interesse da Rede de Museus.

Segundo o Artigo 5 da referida resolução, a estrutura organizacional da Rede está dividida em: Conselho Consultivo, Coordenação⁴⁹, Comissão Executiva⁵⁰ e Secretaria⁵¹, cabendo a cada um as devidas funções, conforme o Artigo 7 da Resolução nº15 de 28 de Setembro de 2017:

Conforme o Art. 7 da Resolução nº 15 de 28 de Setembro de 2017, o Conselho Consultivo será presidido pelo Coordenador da Rede e além deste se constituirá por um representante da Coordenadoria de Arte e Cultura da PREC, por um representante de cada um dos Museus da UFPel, de Projetos de Extensão vinculados a museus,e/ou Processos Museológicos da UFPel, devidamente registrados no Sistema Unificado de Projetos, um representante dos TAs no cargo de museólogo da UFPel, um representante dos Tas no cargo de Conservador-restaurador da UFPel, um representante do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel e um representante do Curso de Conservação e Restauração.

É importante destacar que a Rede de Museus da UFPel foi responsável pela devolução do acervo histórico⁵² para a Faculdade de Agronomia Eliseu

⁴⁹ Conforme o Art. 10 e Parágrafo único da Resolução, o (a) Coordenador (a), será definido (a) pelo (a) Pró-Reitor (a) de Extensão e Cultura e deverá ser preferencialmente um dos servidores da Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Comunidade.

⁵⁰ Conforme o Parágrafo único do Art. 15 da Resolução, a escolha dos membros da Comissão Executiva será feita através de votação entre os membros do pleno do Conselho Consultivo da Rede de Museus, na primeira reunião ordinária de cada nova gestão do órgão.

⁵¹ Segundo o Art. 17 da Resolução, O (a) Secretário (a), será escolhido (a), por consenso, entre os membros do Conselho. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/07/RES.152017-Reg.-Int.-Rede-Museus.pdf>

⁵² Farão parte do acervo do Memorial Maria Eulália da Costa. O nome do Memorial homenageia a primeira mulher a se graduar em agronomia no Brasil, no ano de 1915, na então Escola de Agronomia e Veterinária, atual FAEM – UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2019/08/27/rede-de-museus-devolve-acervo-historico-para-a-faem/>

Maciel (FAEM), totalizando 1400 itens que incluem fotografias, documentos e objetos históricos. A iniciativa se deu através da Professora Noris Leal⁵³ e a Rede foi responsável pela “identificação, catalogação e acondicionamento” desse acervo.

Nos seus dois anos de existência, a Rede de Museus da UFPel já desenvolveu inúmeras atividades, (exposições, ações educativas, oficinas, palestras, tour pelos museus que estão localizados na Serra dos Tapes, etc.), tudo isso em parceria com os museus e projetos museológicos que a compõem, bem também como áreas interdisciplinares⁵⁴. Abordaremos sobre algumas atividades no decorrer da pesquisa.

2.2. Composição da Rede

A Rede de Museus da UFPel é composta por três instituições que se encontram endereçadas no Centro Histórico da cidade de Pelotas, no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo –MALG, Museu do Doce e Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter - MCNCR), instituições estas que serão destacadas no decorrer do trabalho, além do Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN) e as demais instituições vinculadas a Rede através de projetos extensionistas desenvolvidos pela Universidade.

É de suma importância destacar que os museus são responsáveis por preservar a história de uma determinada comunidade e se tornam assim, espaços produtores de memória. Ao nos depararmos com os objetos museológicos, percebemos o quanto eles são relevantes na ativação da memória compreendendo assim seus diversos significados simbólicos. Segundo Ghirardello e Spisso (2008) ⁵⁵, memória é:

A imagem viva de tempos passados ou presentes. Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones repositórios da memória, permitindo que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimento e formando a identidade de um povo. (GHIRARDELLO, SPISSO, 2008, p.13)

⁵³Coordenadora da Rede de Museus da UFPel (2017-2018).

⁵⁴ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/2018/04/25/semana-dos-museus-da-ufpel-2018/>

⁵⁵ Patrimônio Histórico: Como e Porque Preservar. (2019).

Ou seja, a memória é uma construção tanto do passado quanto do presente e atuando em conjunto, permite a formação da identidade de um determinado povo. Dessa forma, partindo deste breve conceito sobre memória, abordaremos a seguir as instituições museológicas e os projetos de extensão que fazem parte da composição da Rede de Museus da UFPel.

2.2.1 Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG)

Inaugurado no dia 07 de Novembro de 1986⁵⁶, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), endereçado na Praça sete de Julho, 180, é um órgão suplementar do Centro de Artes (CA) da referida instituição de ensino, aberto ao público e sem fins lucrativos. Segundo Mazzini (2014)⁵⁷, desde que foi criado, o museu “teve como sede” outros espaços em diferentes endereços na cidade.⁵⁸ De 1986 a 1991, segundo Mazzini (2014), o museu esteve endereçado na Rua Marechal Deodoro, 673, mudando-se depois para a Rua Felix da Cunha e por último, esteve localizado na Rua General Osório, 725 (antes de adquirir prédio próprio, pois os demais eram alugados).

O museu tem como missão “zelar pela preservação e conservação de seu acervo artístico e documental, assim como divulgá-lo amplamente, através de projetos curatoriais, expográficos e virtuais, cabendo ainda “garantir a integridade física do acervo de obras de Leopoldo Gotuzzo”, além de promover também a “pesquisa e a produção crítica e intelectual a respeito de sua contribuição para a história da arte brasileira”.

Leopoldo Gotuzzo, artista Pelotense e patrono do museu, residia no Rio de Janeiro (RJ), ou melhor, “morou parte de sua vida” na referida cidade. No momento em que fez sua doação a Escola de Belas Artes (EBA)⁵⁹, o artista, com 68 anos de idade, sonhava, de alguma forma, com um espaço para então

⁵⁶ Vinculado nesse período a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/08/Res-232014.pdf>

⁵⁷ Os objetos dos Museus da Universidade Federal de Pelotas: diagnóstico de uma matriz conceitual para uma política de acervo. (2014)

⁵⁹ Instituição que se fundiu a outras faculdades da cidade para a formação da Universidade Federal de Pelotas no ano de 1969 e que deu origem ao Instituto de Letras e Artes, atual Instituto de Artes e Design da UFPel.

poder abrigar as suas obras: “Queria deixar para Pelotas sua produção, para que fosse destacada e apreciada em um museu com seu nome”. (SCHWONKE, 2018) ⁶⁰.

A construção do museu, único de arte na cidade, segundo Schwonke (2018), foi possível devido a vários fatores:

Isso foi possível em virtude de um conjunto de elementos – a amizade mantida com Marina de Moraes Pires, diretora da Escola e sua colega nas aulas de desenho de Frederico Trebbi – a escolha pela Europa como possibilidade de aprendizagem e aperfeiçoamento em arte – as relações sociais, culturais e econômicas – o investimento financeiro de sua família em mantê-lo por dez anos estudando no exterior. Gotuzzo, em várias passagens mostra o compromisso assumido com sua família, suas dúvidas de mocidade, o rapazola que saiu cedo e cumpriu a sua missão de estudos em arte na Itália, França e Portugal, o que serviu de construção na sua carreira. (SCHWONKE, 2018, p. 20)

Ainda, com base nessa mesma autora, pôde-se perceber que Leopoldo Gotuzzo foi o idealizador do Museu, mas para que a construção “saísse do papel”, além de ele optar estudar na Europa, na tentativa de aperfeiçoar o seu conhecimento em arte, ele também contou com a ajuda de Marina de Moraes Pires⁶¹ e outros amigos e pessoas que admiravam o seu trabalho:

O Museu teria sido constituído por idealização do artista Leopoldo Gotuzzo com apoio de seus amigos e apreciadores de sua arte, não esquecendo que foi primordial a valorização por parte da Universidade e da sociedade na qual estava inserido. (SCHWONKE 2018, p.22).

Tudo iniciou quando o artista, segundo Schwonke (2018) doou, no ano de 1955, algumas obras para a Escola de Belas Artes (EBA). Entretanto, com o decorrer dos anos, as obras começaram a se deteriorar, estas que necessitavam passar por um processo de restauração. Foi nesse momento que Luciana Reis e Yedda Luz⁶², decidiram ajudá-lo e então “organizaram um atelier de restauro na UFPel, onde as obras tiveram todo o tratamento adequado e ficaram prontas para exposição”. (SCHWONKE, 2018, p.20). É importante destacar a pintura denominada de “A Espanhola” (1942), esta que,

⁶⁰ Tese de Doutorado. Material enviado por Email.

⁶¹ Única diretora da extinta Escola de Belas Artes. **Fotografia e Memória: Sistematização da Coleção Marina de Moraes Pires/ MALG/UFPel.** (2009)

⁶² Professoras da EBA.

conforme a autora foi o primeiro “presente do artista” para a instituição EBA e a primeira obra da sua coleção.



Figura 1. A Espanhola.

Fonte: Raquel Santos Schwonke

Depois de serem restauradas, as obras de Leopoldo Gotuzzo ficaram abrigadas na “Sala de Honra da Reitoria”. Entretanto, ele questionou que o respectivo local “não era museu”. Foi então, nesse instante, que Luciana Reis fez a promessa ao artista de criar um espaço adequado para abrigar as obras. Desta forma, “com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFPel Luciana consegue abrir as portas do Museu oficialmente em 1986”. (SCHWONKE, 2018, p.229), abrigando assim as obras de Leopoldo Gotuzzo e os demais objetos que fazem parte do acervo do artista, assim como as demais coleções ali existentes.

Segundo essa mesma autora, o acervo do MALG “provém” da EBA (Escola de Belas Artes), de Marina de Moraes Pires e arquivos pessoais que o próprio artista doou para a referida escola de ensino. Somente as obras do referido artista “representam uma Coleção de mais de 770 itens”. (SCHWONKE, 2018, p.23).

É importante salientar que, no início, o acervo contava com apenas 600 obras (SCHWONKE, 2018), este que, ao longo do tempo, ampliou-se. Atualmente, a instituição abriga “mais de 3000 obras”. Segundo Mazzini (2014), as coleções, existentes no museu estão divididas em sete: Coleção Leopoldo Gotuzzo, Coleção Ex-alunos da EBA, Coleção Dr. João Gomes de Mello, Coleção Faustino Trápaga, Coleção Século XX e a Coleção Século XXI⁶³ e Coleção L.C.Vinholes⁶⁴.

O MALG disponibiliza exposições de longa duração e temporárias, sendo que a de longa duração é realizada por meio de obras do patrono do museu. Já as exposições temporárias, contam com obras de “outras coleções ou com a produção artística contemporânea”. Desta forma, são desenvolvidas ações educativas através das exposições, desenvolvendo também atividades integrais as quais envolvem Museu, Instituições e o Público, estimulando assim a participação do mesmo.

2.2.1.1 Museu do Doce

O Museu do Doce, criado no dia 30 de Dezembro de 2011 pela portaria nº 1.930, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, mais conhecido como Casarão 08 e aberto ao público em maio de 2013, é um órgão suplementar vinculado ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel. Trata-se de uma instituição pública e sem fins lucrativos, que tem como missão “salvaguardar os saberes e fazeres da tradição doceira de Pelotas e região, bem como a pesquisa e comunicação desse patrimônio”.

Segundo Cruz, Gastaud e Leal (2018) ⁶⁵, a comunidade doceira⁶⁶ teve papel importante para a construção do Museu, juntamente com “Professores e

⁶³ Coleção Leopoldo Gotuzzo (formada por suas doações a EBA e testamentárias); Coleção Ex-Alunos da EBA (formada por obras dos ex-alunos da instituição); Coleção João Gomes De Mello-artista Pelotense (artista Pelotense- crítico de arte no Rio de Janeiro); Coleção Faustino Trápaga (formada por obras européias, doadas por Berthilda Trápaga e Carmem Simões; Coleção Século XX e Coleção Século XXI (formada por doações de artistas locais ou que tenham exposto na galeria do Museu, datadas nos referidos séculos).

⁶⁴ Artista Pelotense nascido no dia 10 de abril de 1933 (atualmente reside em Brasília). Durante o período de 1957 a 1999, fez incursões ao exterior, onde passou longos períodos produzindo e expondo em galerias internacionais.

⁶⁵ As informações sobre o museu foram obtidas através do Catálogo do Projeto “o Museu do Conhecimento Para Todos” disponibilizado pelo Museólogo da instituição Matheus Cruz.

Técnicos administrativos das diversas áreas interessadas na criação do museu". (GASTAUD, CRUZ, 2018). Leal (2018) destaca a atuação da comunidade doceira ao dizer que:

(...) anos antes, um grupo de pessoas ligadas às atividades da Festa Nacional do Doce (Fenadoce), havia se organizado com o fim de intensificar a valorização da tradição doceira de Pelotas. Uma das metas a ser atingida era a criação de um museu que legitimasse a memória dessa tradição. Esse grupo articulou diálogo com a Secretaria Municipal de Cultura e a Superintendência do IPHAN, buscando assegurar um local para o museu. (LEAL, 2018, p.39).

O casarão n.º 8, que hoje abriga o museu, considerado como sendo o primeiro objeto do acervo (Figura 2) foi projetado, conforme Gastaud e Cruz (2018) para ser a residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel e sua família. Segundo Leal (2018), o Conselheiro:

Formou-se em direito e foi eleito Deputado Provincial e Deputado Geral em diversas legislaturas pelo Partido Liberal. Chegou ao topo de sua carreira política quando foi empossado Conselheiro do Império, cargo vitalício que o colocou em evidência no cenário do Brasil imperial e, conseqüentemente, destacou o nome da cidade. A sua atuação política trouxe como resultado para a cidade a criação, em 1883, da Imperial Escola de Veterinária e Agricultura, origem da atual Faculdade de Agronomia da UFPel. (LEAL, 2018, p.31)

Segundo Gastaud e Cruz (2018), a casa que hoje abriga o Museu do Doce pode ter sido planejada pelo arquiteto italiano José Isella Merotti⁶⁷. Ainda, segundo esses mesmos autores, entre os anos de 1950 e 1973, o prédio serviu como sede para o Quartel General da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada da cidade, e mais tarde, por outros órgãos públicos municipais, como as Secretarias de Planejamento e a de Obras.

⁶⁷ Atuou na cidade durante a segunda metade do século XIX, justamente no período de maior desenvolvimento da infraestrutura do município.



Figura 2. Museu do Doce.

Fonte: Página da Rede de Museus da UFPel no Facebook⁶⁸

É importante destacar que, devido a problemas relacionados à estrutura, o prédio precisou ser desocupado, sendo adquirido, posteriormente, pela UFPel⁶⁹.

Com a degradação de sua condição, o prédio foi desocupado e ficou fechado até 2006, quando a UFPel adquiriu o imóvel com o compromisso de organizar o local junto com a comunidade doceira. O projeto de restauração do prédio foi financiado pelo MEC, executado pela Universidade e entregue a comunidade em maio de 2013. (GASTAUD, CRUZ, 2018, p.43)

A exposição de longa duração, “Entre o sal e o açúcar: O Doce através dos sentidos” é de suma importância ser destacada como uma das atividades do referido museu, visto que se trata de uma exposição voltada para a acessibilidade. Sobre acessibilidade, Samira Sousa Lopes (2017) ⁷⁰ diz que “não é só a possibilidade de entrar em um ambiente, mas é um direito de

⁶⁸ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-do-doce/>

⁶⁹ Em 2005, o Professor Antônio Cesar Gonçalves Borges, ao assumir a reitoria da UFPel, deu início as tratativas para a compra da Casa do Conselheiro Maciel. A intenção do recém reitor era a de trazer do Campus Capão do Leão a Reitoria e alguns setores administrativos mais vinculados a ela e instalá-los na casa. No mesmo ano, o reitor apresentou a proposta ao Ministério da Educação e obteve concordância com a compra, que foi efetivada em 2006.

⁷⁰ **Caminhos para uma acessibilidade sensível:** um relato sobre o Parque Histórico General Bento Gonçalves. (2017).

participação ativa no meio social, é cidadania e inclusão social. (LOPES, 2017, p.17).

Partindo da questão de que acessibilidade é uma forma de inclusão social, a referida exposição, segundo Michelin e Salasar (2018) “começou a ser planejada em 2015 com a então equipe do Programa “O Museu do Conhecimento” ⁷¹, juntamente com o Museu do Doce, mas foi somente no ano seguinte, em 2016 que a “exposição começou a ganhar forma”. (MICHELON, SALASAR, 2018, p.81).

A exposição foi inaugurada no dia 23 de setembro de 2016 e dessa forma, a instituição “passou a ser o primeiro museu em Pelotas com um Programa de Acessibilidade e o primeiro no país a ter seu programa feito, integralmente, por um terapeuta ocupacional” (MICHELON, SALASAR, 2018, p.82). Vale ressaltar também que as Escolas Louis Braille e Alfredo Dub foram importantes, atuando conjuntamente no decorrer de todo o processo, desde o programa “O Museu do Conhecimento para Todos”, até o planejamento e inauguração da exposição “Entre o sal e o açúcar: O Doce através dos sentidos”.

Para a realização da exposição, foi necessário utilizar alguns recursos de acessibilidade:

Áudio-descrição do Casarão, esquemas e maquetes táteis, textos e legendas em Braille, textos em inglês, cores contrastantes, fontes em tamanho acessível e sem serifa, iluminação direcionada, mobiliário ergonômico, elevador, WC adaptado, estacionamento preferencial para pessoa com deficiência, para além da mediação acessível. (MICHELON, SALASAR, 2018, p.82)

Durante os meses iniciais, a mencionada exposição recebeu visitas especiais, nos dias 5 de dezembro de 2016 e maio de 2017, respectivamente. Na primeira visita, um grupo de 30 alunos da escola Louis Braille, este que era formado por “idades diversas e alguns para além da deficiência visual”, ou seja,

⁷¹ Desenvolvido no Instituto de Ciências Humanas, no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, o programa de extensão “O Museu do Conhecimento para Todos”: inclusão cultural para pessoas com deficiência”, contemplado com recursos em dois editais Proext-MEC (2012 e 2015), tem como finalidade desenvolver recursos humanos, produtos e processos para museus universitários, com o objetivo de proporcionar profissionais aptos a atuar em equipes interdisciplinares em ambientes culturais inclusivos.

alguns dos visitantes tinham outro tipo de deficiência. Para facilitar a mediação neste dia, “foi necessário dividi-los em cinco grupos”:

Cada grupo começou a visita de modo diferente. Todos os alunos responsáveis pela mediação passaram por um treinamento. Assim, enquanto a mediação do conteúdo da exposição e da condução pelo espaço eram feitas pelos alunos da Museologia e Terapia Ocupacional, a mediação das maquetes ficou sob responsabilidade da Arquitetura e Urbanismo. ((MICHELON, SALASAR, 2018, p.82)

Já na segunda visita, o grupo era formado por oito pessoas⁷² deficientes visuais, de “idades diversas”, estes que foram mediados por duas profissionais: uma da área de Terapia Ocupacional “que os conduzia pelo espaço, explicando e apresentando os recursos de acessibilidade” e a outra de área da Museologia, “responsável pela apresentação do conteúdo da exposição”. (MICHELON, SALASAR, 2018, p.83)

Diferentemente do primeiro grupo, o qual foi percebido outro (s) tipo (os) de deficiência além da visual, este era “composto somente de cegos (congenitos e adquiridos). Entretanto, ambos elogiaram o espaço inclusivo que a cidade dispõe.

O museu possui em seu acervo peças que de alguma forma possuem uma relação com a história do doce, “tradição doceira de Pelotas e região”, sejam estas relações “históricas, documentais, bibliográficas ou impressas, além de todo objeto/representação que tenha relação com a missão do museu”.⁷³O museu recebe um bom número de visitantes e a exposição de longa duração é acessível ao público que apresenta algum tipo de deficiência.

2.2.1.2 Museu de Ciências Naturais Carlos Hitter

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) é um órgão suplementar do Instituto de Biologia desde o ano de 1991, “conforme decisão do CONSUN (Conselho Universitário). Entretanto, no relatório da instituição do ano de 2015, realizado pela museóloga Joana Soster Lizott (2015) ⁷⁴, chama-se a atenção pelo fato de o documento de criação do museu não ter sido encontrado.

⁷² Participantes de um evento para cegos que ocorria na cidade.

⁷³ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-do-doce/>

⁷⁴ Algumas informações foram obtidas através de relatório da instituição enviado por email.

O referido museu tem como missão “realizar atividades voltadas ao ensino, á pesquisa e a extensão universitária e sua temática está ligada a “área de ciências naturais, em especial a Zoologia e a Paleozoologia, além das áreas do conhecimento biológico correlatas”. Criado através da aprovação do “estatuto da UFPel”, o museu “tem sua origem ligada as coleções do naturalista autodidata Carlos Ritter (1851-1926)⁷⁵”, e, no mesmo ano de seu falecimento, sua esposa doou as suas coleções para a Escola de Agronomia⁷⁶. Segundo Mazzini (2014), o Professor Ceslau Maria Biezanko (1895-1985)⁷⁷, também teve papel importante na constituição do acervo do museu.

A primeira sede da instituição foi no “prédio da reitoria” da Universidade Pelotense⁷⁸. Aberto ao público em maio do ano de 1970, o museu precisou ser fechado pelo fato de ter apenas um funcionário atuando, “sendo reinaugurado apenas em 1988”. (LIZOTT, 2015, p.7). Durante esse espaço de tempo em que precisou fechar as suas portas, o museu foi transferido para um novo endereço, para a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM) ⁷⁹. Nesse mesmo período alguns projetos foram elaborados na tentativa de “tornar a coleção acessível ao público”. Nesse momento era necessário um espaço para abrigar o acervo do museu e pensou-se primeiramente em um prédio localizado a Rua Gonçalves Chaves⁸⁰.

Entretanto, em 1988, o prédio precisou ser avaliado e o museu mudou-se novamente de endereço, localizado agora a Rua Felix da Cunha e foi neste local que foi novamente inaugurado (LIZOTT, 2015). No entanto, em 1990, pelo fato de o prédio não apresentar “condições de segurança necessárias”, o mesmo precisou passar por um processo de avaliação e o acervo do museu

⁷⁵ Filho de imigrantes alemães, gostava de taxidermizar (empalhar) e colecionar pássaros. Chegou para ficar em Pelotas com 19 anos, em 1870, onde deixou marcas que podem ser vistas ainda hoje. Contribuiu para a arborização de eucaliptos da Avenida 20 de Setembro (atual Duque de Caxias). Colecionava insetos e aves.

⁷⁶ Mais tarde incorporada a UFPel.

⁷⁷ Também naturalista, ele foi pesquisador e entomólogo internacionalmente conhecido. Sua coleção é composta por inúmeros periódicos publicados em vários idiomas e a coleção de invertebrados é considerada uma das mais importantes na instituição.

⁷⁸ Localizado em Frente ao Mercado Central.

⁷⁹ No Campus universitário, ocupando a sala que havia servido de biblioteca para a FAEM.

⁸⁰ No mesmo ano, com a morte do professor Ceslau Maria Biezanko, a UFPel adquire seu acervo científico. Também há o indicativo da contratação de Luiz Paulo Duarte, “para realizar a tarefa de classificação e catalogação do acervo.

mudou-se novamente para outro espaço, agora localizado a Rua Marechal Deodoro.

Atualmente, após algumas mudanças de endereço, o museu está situado na Praça Coronel Pedro Osório, Casarão 01, no Centro Histórico da cidade de Pelotas.

É importante salientar também sobre a documentação do acervo do museu, de fato que, essa mesma autora, apontou problemas referentes neste período em que realizou o relatório técnico da instituição. A falta de informações dificulta saber a quantidade de peças que fazem parte do museu, bem também como a “procedência, empréstimos, exposições, publicações relacionadas, etc.” (LIZOTT, 2015):

Não há documentação de caráter museológico do acervo. Não foi identificado um inventário completo e atualizado, os itens não são registrados (ou tombados) ⁸¹, não há termos de doação, e a procedência de boa parte do acervo não pode ser identificada. (LIZOTT, 2015, p.11)

Sobre documentação museológica, Helena Dodd Ferrez⁸² diz que:

É o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994, p.64)

Ou seja, trata-se de informações através da historicidade de determinado objeto, juntamente com a fotografia do mesmo e, ao mesmo tempo, é um sistema capaz de recuperar, transmitir informações e as transformá-las em fontes de pesquisa. Ainda, conforme essa mesma autora, “a

⁸¹ O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. Sob a tutela do IPHAN, os bens tombados se subdividem em bens móveis e imóveis, entre os quais estão conjuntos urbanos, edificações, coleções e acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins e parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. O objetivo do tombamento de um bem cultural é impedir sua destruição ou mutilação, mantendo-o preservado para as gerações futuras. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>

⁸² Uma das bibliografias utilizadas na Disciplina de Documentação Museológica.

documentação exerce-ou deveria exercer-nos museus um papel primordial. (FERREZ, 1994, p.64).⁸³

O acervo do museu é formado “basicamente por espécimes de História Natural, este que se divide em coleção científica⁸⁴ e didática para exposição⁸⁵, possuindo também diversidade da fauna local, lepidópteros (borboletas e mariposas), coleções de ictiologia⁸⁶, herpetologia⁸⁷, mastozoologia⁸⁸, osteologia⁸⁹ e paleontologia⁹⁰, sendo que, grande parte deste é exposto permanentemente.

Além das exposições permanentes, a instituição realiza exposições temporárias, as quais são realizadas “com temáticas específicas e com parcerias externas” e disponibiliza atividades voltadas para a área escolar (alunos do ensino fundamental e médio).

2.2.1.3 Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN) e demais instituições vinculadas a Rede

Segundo o site⁹¹, o Prof.Dr. Fabio Vergara Cerqueira, no ano de 2008 convidou os arqueólogos da UFPel para a criação de um novo museu de Arqueologia, estes que tiveram o trabalho reconhecido pela administração da Instituição de Ensino Superior através da portaria de nº759 e assim, a implantação do museu passou por três fases diferentes⁹².

⁸³ Um livro tombo será confeccionado para organizar os dados nas etiquetas dos espécimes considerados não apropriados para exposição e consulta e referencial científico. (Algumas informações foram obtidas através de material disponibilizado por email).

⁸⁴ Possui dados referenciados e pode ser utilizada em estudos mais consistentes, está depositada no Laboratório de Zoologia do Departamento de Zoologia e Genética, que faz parte do Instituto de Biologia da UFPel.

⁸⁵ Não possui um caráter científico, por não possuir seus dados de coleta completos, mas está totalmente acessível ao público em exposição.

⁸⁶ Peixes fixados em álcool e formol.

⁸⁷ Cerca de 200 espécimes de répteis e anfíbios, coleção da qual parte é osteológica e parte é conservada em soluções de álcool e formol.

⁸⁸ Cerca de 100 espécimes de mamíferos.

⁸⁹ Esqueletos.

⁹⁰ Cerca de 200 fósseis principalmente de vertebrados invertebrados. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-de-ciencias-naturais-carlos-ritter-2/>

⁹¹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-arqueologico-e-antropologico/>

⁹² 1ª Fase (2009 a 2012); 2ª Fase (2012 a 2013) e a 3ª e última Fase (2014 a 2015).

O Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN), ainda em fase de implantação, não é responsável pela salvaguarda do acervo, cabendo a devida função aos “laboratórios que endossaram a geração de tais acervos”.⁹³

O Museu da Colônia Francesa, o Museu Grupelli e o Museu Histórico de Morro Redondo estão localizados na Serra dos Tapes e fazem parte de projetos extensionistas.

O Museu da Colônia Francesa⁹⁴, situado na localidade denominada Vila Nova, têm por objetivo preservar a memória das localidades da Vila Nova e Bachini, ambas situadas no Distrito do Colombo (Serra dos Tapes). Esse museu tem por objetivo valorizar a etnia francesa, bem também como as relações interculturais entre a referida etnia e demais imigrantes (de origem teuto-germânica e italiana) que residem atualmente neste local. A instituição tem por finalidade valorizar a memória e a identidade dos quilombolas.

Já o Museu Grupelli⁹⁵, localizado no 7º Distrito de Pelotas foi inaugurado em outubro de 1998, cuja idealização de criar o museu se deu através dos indivíduos que residiram num determinado momento na colônia, estes que “vinham lembrar sua infância”

O acervo deste museu foi reunido por meio da coleta e doações realizadas pelos moradores locais que tinham como objetivo “reunir referências do patrimônio rural”. Ao longo do tempo, o museu passou a abrigar mais objetos para serem salvaguardados, sendo estes doados por integrantes da família Grupelli⁹⁶ e por moradores da região.

O Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR)⁹⁷ que está localizado no município de Morro Redondo, na Serra dos Tapes, foi municipalizado no dia 7

⁹³ Em mostras itinerantes e ações de educação patrimonial, o Museu costuma fazer empréstimos dos laboratórios do ICH-UFPEL, recorrendo muitas vezes a coleções de procedência indeterminada que podem, por isso mesmo, se prestar a ações educativas, evitando que outros materiais, documentados e patrimonializados, sofram qualquer dano.

⁹⁴ Mais informações disponíveis em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/projeto-de-extensao-museu-da-colonia-francesa/>

⁹⁵ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/projeto-de-extensao-museu-grupelli/>

⁹⁶ O contato com a comunidade local sempre foi mediado pela família.

⁹⁷ Através da Lei nº 1.570/2010.

de abril de 2010 e institucionalizado em 2011⁹⁸. Porém, vale ressaltar que a necessidade de se ter um espaço para a preservação da memória aconteceu anteriormente, no ano de 2008, com iniciativa de um dos moradores locais.

Vinculado a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), juntamente com a Associação de Amigos da Cultura⁹⁹, o museu conta com o Projeto de Extensão “Museu Morro-Redondense: Espaços de Memórias e Identidades”,¹⁰⁰ para a realização de suas atividades junto à comunidade local. Criado no mesmo ano da referida Associação, o projeto é formado por uma equipe interdisciplinar de Professores e alunos que atuam em diferentes áreas de ensino.

O acervo do museu é formado por peças “que remetem a vida no campo, o que inclui os meios de lazer e os de subsistência, a gastronomia e os veículos de transporte, comuns a rotina de interior na época”.

O Museu das Coisas Banais (MCB)¹⁰¹, criado no ano de 2014, é um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Museologia e Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas (ICH). Trata-se de um espaço virtual onde o público pode compartilhar as suas memórias, tendo como principal objetivo “discutir esses objetos, muitas vezes considerados banais, como portadores de memória e passíveis de tornarem-se objetos museológicos”.

O MCB tem como missão:

Preservar no espaço virtual, através do compartilhamento de memórias, todo e qualquer objeto, com valor afetivo, pertencente a toda e qualquer pessoa e visa ampliar e democratizar a constituição de acervos, por meio de um museu virtual, além de fomentar uma reflexão sobre a relação entre as pessoas e as coisas (SITE DO MUSEU)

⁹⁸

Disponível

em:

http://antigo.jornaltradicao.com.br/site/content/cultura_e_turismo/index.php?noticia=2457

⁹⁹ A Associação, criada em 2009, para dar assistência ao Museu, buscou apoio técnico-científico do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel.

¹⁰⁰ Passou a prover apoio ao Museu em parceria com as comunidades locais e outras representatividades, como CRAS, Associação de Idosos, dentre outros. O projeto amalgama intrinsecamente as ações de extensão, pesquisa e ensino em suas ações. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u594>

¹⁰¹ Disponível em: <https://museudascoisasbanais.com.br/museu#missao>

O acervo do museu é formado por “objetos biográficos” e está dividido em cinco coleções: Eventos, Lugares, Pessoas, Sentimentos e Trecos, Troços e Coisas¹⁰². Importante destacar que o acervo é originário de diferentes cidades dos estados brasileiros (RS, MG, SC), bem também como lugares da Europa (Batalha/Portugal e Amsterdam/Países Baixos).

O Herbário Pel, outro Projeto de Extensão da UFPel, foi criado no ano de 1946 pelo botânico Irmão Teodoro Luís¹⁰³ e atualmente está sob a responsabilidade do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia (UFPel)¹⁰⁴, sendo registrado no Index Herbariorum¹⁰⁵, sob o acrônimo PEL e faz parte da Rede Brasileira de Herbários e da Rede Estadual de Herbários.

O acervo do Herbário Pel possui aproximadamente 27.000 exsicatas, onde é possível encontrar exemplares da flora regional e outros, estes que fazem parte de coleções particulares, coletas, doações e permutas representando, desta forma, a quarta maior coleção de plantas do estado do Rio Grande do Sul¹⁰⁶.

O Projeto de Extensão Planetário da UFPel é um projeto vinculado ao Laboratório de Astronomia, do Instituto de Física e Matemática da UFPel (IFM-UFPel) e apesar de não ter uma sede fixa, já desenvolveu diversas atividades

¹⁰² São objetos banais que extrapolam o valor de mercado ou de utilidade e se inscrevem na categoria do afetivo, do memorável, do familiar e, portanto, passam a incorporar um conjunto de bens preserváveis pelo seu aspecto simbólico. Na Coleção Eventos (Estão reunidos Objetos Biográficos que evocam lembranças de algum evento marcante). Na Coleção Lugares (Objetos Biográficos que fazem o doador lembrar-se de algum lugar especial onde já esteve, onde deseja estar, ou mesmo um lugar que só imaginou. Na Coleção Pessoas (Objetos Biográficos que guardam a memória de pessoas importantes que passaram pela vida dos doadores e permaneceram nela através da lembrança e dos objetos que participaram destas relações. Na Coleção Sentimento (Objetos Biográficos que através da memória, fazem sentir, principalmente sobre os sentimentos que ressurgem quando, pela lembrança, estes momentos são revividos) e na Coleção Trecos, Troços e Coisas (estão reunidos Objetos Biográficos variados que fazem parte de coleções particulares do doador, como, por exemplo, antiguidades, lembrancinhas e trabalhos manuais).

¹⁰³ Que iniciou uma coleção de plantas junto a Seção de Botânica do antigo Instituto Agrônomo do Sul (IAS). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/herbario-pel/>

¹⁰⁴ Em 1975, através de um convenio, o Herbário Pel passou da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA) a UFPel.

¹⁰⁵ Um índice mundial de 3.100 herbários e 12.000 funcionários associados, onde um total de 390 milhões de espécimes botânicos estão permanentemente alojados. Disponível em: <http://sweetgum.nybg.org/science/ih/>

¹⁰⁶ Trata-se de um registro histórico importante da flora regional na zona Sul do Rio Grande do Sul, além de subsídio inestimável a ciência mundial, uma vez que no Herbário Pel estão depositados um grande número de Exemplares-Tipos.

itinerantes junto a comunidade. Uma das atividades denominada Astrolep “consiste em observações mensais realizadas abertamente ao público no Largo do Mercado Público da cidade de Pelotas”. O Projeto visa ter um espaço para que a comunidade como um todo possam usufruir de suas atividades¹⁰⁷.

O Memorial do Anglo (extinto Frigorífico Anglo de Pelotas) ¹⁰⁸ foi organizado dentro do Programa de Extensão “O Museu do Conhecimento para Todos”, cujo projeto já foi mencionado anteriormente¹⁰⁹.

O Frigorífico funcionou até 1926, sendo em seguida fechado completamente, ficou sem utilização durante 15 anos e em 1942 até as obras de construção e adequação do prédio serem iniciadas. A inauguração do Frigorífico foi no ano seguinte às obras, no dia 17 de dezembro¹¹⁰. No entanto, no início da década de 1990, aconteceu o seu fechamento “quando o grupo empresarial inglês vendeu todos os Frigoríficos na América do Sul”. Entre os anos de 2005 e 2006, a Universidade Federal de Pelotas “recebeu a doação da Fundação Simon Bolívar de parte do complexo industrial” e várias modificações foram realizadas para a nova utilização¹¹¹.

O acervo do Memorial é descrito como dois formatos denominados físico e digital:

Físico: é uma exposição que contém elementos fixos e móveis em um espaço expositivo que incorporou ruínas da câmara fria, isoladas em vitrines. O resultado apresentado no espaço físico é parte do trabalho desenvolvido no ano de 2012 e 2013 no projeto O Museu do Conhecimento para Todos, contemplado com recurso no edital ProExt MEC/2011 e 2015 e contém legendas em braille, esquemas e maquetes táteis e audiodescrição, fornecida em um mp3 para o

¹⁰⁷ A proposta é construir um espaço institucional de integração a comunidade acadêmica e geral, no qual estudantes de diferentes áreas possam inserir-se e usufruir da cultura astronômica, além de participar de ações inclusivas institucionais, regionais, nacionais e internacionais direcionadas a popularização da Ciência. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/planetario-da-ufpel-2/>

¹⁰⁸ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/memorial-do-anglo/>

¹⁰⁹ O local escolhido para desenvolver a proposta foi um espaço no terceiro andar do Bloco B do Campus Anglo, no qual estão expostas as estruturas constitutivas das extintas câmaras frigoríficas.

¹¹⁰ Havia outras unidades do Anglo (em São Paulo, Rio de Janeiro, Uruguai e Argentina), todos exportavam para outros países, sobretudo da Europa. A planta industrial de Pelotas permitia o abate de 1.000 bois, 500 suínos e 1.000 aves por dia. Foram produzidos também legumes e frutas (conservas diversificadas conforme as safras). Houve também a produção de itens de padaria.

¹¹¹ Os sólidos prédios mantiveram externamente a sua estética fabril e ainda informam sobre a aparência que tiveram no passado.

visitante que a solicita. Digital: é um site no qual se apresentam resultados de trabalho de pesquisa sobre temas direta ou indiretamente relacionados ao período em que funcionou o Frigorífico Anglo de Pelotas. O site contribui com as ações de localização, documentação e, sobretudo, disponibilização ao público de informações sobre acervos materiais (tridimensionais e bidimensionais) e imateriais (depoimentos e similares) referentes à trajetória do Frigorífico Anglo de Pelotas. (SITE DA REDE DE MUSEUS DA UFPel).

E, por fim, o Centro de Memória HISALES¹¹² (Centro de Documentação História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) é um Centro de memória e pesquisa, o qual, está voltado para “a temática da alfabetização, leitura e escrita”, sendo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da UFPel.

No ano de 2001, pesquisas eram realizadas em torno da referida temática, mas somente três anos depois, em 2004, surgiram algumas dissertações de mestrado no PPGE e através destes trabalhos, no ano de 2006, foi criado um grupo de pesquisas, formado por alunos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado do PPGE/FaE/UFPel.

O acervo do Centro de Memória é formado através do resultado de pesquisas e doações. Dentre as tipologias, podemos citar: cadernos de crianças em fase de alfabetização, diários de classe, escritas pessoais e familiares, etc.

Dessa forma, após abordarmos sobre a Rede de Museus da UFPel e cada um dos museus/projetos que a compõem, destacando principalmente os museus que se encontram instalados na área central da cidade, discutiremos algumas ações desenvolvidas pela Rede em conjunto com esses museus no capítulo que segue.

¹¹² Privilegia três eixos de investigações: I) Estudos Sobre história alfabetização; II) Pesquisas sobre práticas escolares e não- escolares de leitura e escrita (práticas de letramentos) e III) Análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1940-1980 (período da influência do CPOE – Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais – SEC/RS na produção didática gaúcha).

Capítulo 3: Rede de Museus da UFPel e os Museus do Centro Histórico

Neste terceiro capítulo, abordaremos algumas ações que a Rede de Museus da UFPel tem desenvolvido, principalmente nos anos de 2018 e 2019, juntamente com os museus do Centro Histórico da Cidade de Pelotas no período dos principais eventos que acontecem nos museus todos os anos no Brasil. Além disso, abordaremos também a questão do público nesses museus no decorrer dessas atividades, não deixando de mencionar brevemente sobre um histórico do público dos museus em geral, que há séculos era seletivo. E, por fim, abordaremos algumas questões das entrevistas feitas com os Diretores das instituições museológicas: o Professor Lauer dos Santos (MALG), o Professor Roberto Heiden (Museu do Doce) e o Professor João Iganci (MCNCR), além de entrevista realizada com a Coordenadora da Rede de Museus da UFPel, a Professora Silvana Bojanoski. Tais entrevistas, de forma semi-estruturada, aconteceram entre os dias 16 e 30 de outubro do ano de 2019, com as Direções dos Museus e com a Coordenação da Rede de Museus da UFPel, com o objetivo principal de coletar dados para realizar a estrutura deste capítulo e a análise proposta no trabalho, qual seja, os impactos da Rede nas atividades dos Museus da UFPel localizados no Centro Histórico.

3.1. Eventos nacionais e os Museus do Centro Histórico: Semana Nacional dos Museus, Dia do Patrimônio e Primavera dos Museus

Entre os anos de 2017 e 2019, a Rede de Museus da UFPel desenvolveu várias atividades em conjunto com alguns museus/projetos que compõem, o que contribui relativamente para a visitação do público aos museus. Além disso, a Rede, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e a Editora da UFPel, através dos e-books Anais da Semana dos Museus na UFPel, nos trazem artigos que foram apresentados durante a Semana de Museus, entre os anos de 2015 a 2018.

Desta forma, de modo a abordar algumas destas atividades desenvolvidas principalmente nos museus que se encontram endereçados no Centro Histórico da cidade de Pelotas, destacamos os principais eventos que acontecem anualmente em torno das instituições museológicas em todo o

Brasil, os quais se denominam “Semana Nacional dos Museus”, “Primavera dos Museus” e “o Dia do Patrimônio”.

Barbosa, Oliveira e Ticle (2010) ¹¹³ nos trazem três conceitos de Ações Educativas e todas definem o museu como sendo um espaço de “educação e comunicação” e as ações educativas como as atividades de aproximação do público com o bem cultural:

Apesar da diversidade apresentada, as definições apontam para o museu como espaço de educação e de comunicação, sendo as AÇÕES EDUCATIVAS mediadoras entre o bem cultural e os visitantes, que visam valorização do patrimônio e apreensão da memória cultural. (BARBOSA, OLIVEIRA, TICLE, 2010, p.9, grifo do autor)

Partindo da premissa de que o museu educa e comunica e as ações educativas desenvolvidas nestes espaços e arredores aproximam o visitante com o bem cultural, é relevante destacar que a construção das mesmas deve se levar em consideração três pontos importantes, os quais incluem a missão de cada museu, a participação do educador junto à curadoria das exposições e um espaço adequado para receber o público diversificado:

A missão: Definida a missão, ou seja, a vocação do museu, as práticas educativas devem ser elementos cumpridores desse propósito. **Junto à curadoria das exposições:** Atualmente, existe um movimento para que o educador participe do processo de construção das exposições, conheça o trabalho da pesquisa, visto que a exposição, geralmente, não a reflete por inteiro; contribua com o trabalho dos expógrafos e/ou arquitetos com o objetivo de planejar a disposição dos textos e objetos, a altura das legendas e vitrines e possíveis roteiros. **Adequado aos vários tipos de público:** É fundamental que as AÇÕES EDUCATIVAS sejam planejadas para um público alvo. Tendo em vista que os museus são visitados por famílias, estudantes em vários níveis, grupos de convivência, grupos com necessidades especiais, entre outros, o museu deve planejar ações a partir das especificidades de cada público visitante. (BARBOSA, OLIVEIRA, TICLE, 2010, p.9)

Sendo assim, a Semana Nacional dos Museus, cuja 1ª Semana realizou-se no ano de 2003, é uma temporada cultural sob coordenação do IBRAM que acontece anualmente, no dia 18 de maio, em comemoração ao Dia Internacional dos Museus. A Cada ano, a Semana Nacional dos Museus surge

113

com uma temática¹¹⁴ diferente, esta que se dá através do ICOM e possui os mesmos objetivos que a Primavera dos Museus, que são: “Promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros; Aumentar o público visitante e Intensificar a relação dos museus com a sociedade”.

Tabela 1: Resultados da Semana Nacional dos Museus nos Museus do Brasil¹¹⁵

Participação dos Museus	Aumento médio de 25% ao ano desde a primeira edição (em 2003)
Número de Eventos cadastrados	Aumento médio de 23% ao ano
Aumento de Público	Aumento de 103% do número de visitantes em relação à semana anterior ao evento.

Os dados da tabela¹¹⁶ acima se referem ao aumento no país de museus participantes na Semana Nacional dos Museus ao longo dos anos desde o seu início. Além disso, os resultados nos mostram também o aumento das instituições cadastradas nesse evento, bem como também o aumento do público visitante¹¹⁷. Já os dados da tabela abaixo nos mostram os pontos positivos que esse evento trouxe até o momento para os museus brasileiros participantes deste evento.

¹¹⁴ O ICOM lança um tema diferente para a celebração dessa data, que é, também, o mote norteador das atividades da Semana de Museus.

¹¹⁵ Tabela criada pela autora da monografia cujos dados foram retirados do Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus/>

¹¹⁶ Tabelas criadas pela autora da monografia cujos dados foram retirados do Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus/>

¹¹⁷ ¹¹⁷Com 57 museus inscritos e 207 eventos. Em 2017, sua 15ª edição contou com a participação de 1.070 instituições e 3.079 eventos. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus/>

Tabela 2: Resultados da Semana Nacional dos Museus nos Museus do Brasil (Impactos) ¹¹⁸

Impactos	Fortalecimento da imagem do museu
	Aumento da visibilidade do museu
	Maior envolvimento do museu com a comunidade
	Aumento de público
	Incentivo a realização de novas atividades culturais ao longo do ano
	Motivação para propostas de novos projetos e atividades
	Reforço da importância da instituição frente à administração pública e empresas locais
	Integração com os demais museus do país
	Dinamização da economia local.

Em Pelotas, durante o período da 16ª Semana Nacional dos Museus em 2018, cujo tema foi “Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” e que aconteceu entre os dias 15 e 20 de maio, as ações foram promovidas pela Rede de Museus da UFPel, que teve apoio do SESC e da Prefeitura Municipal de Pelotas através da Secretaria Municipal de Cultura (Secult). Desta forma, a programação de atividades foi bastante ampla, as quais o público em geral pôde usufruir das mesmas. Foram oferecidas ações como oficinas, visitas mediadas, minicursos, seminários, palestras, etc..

No decorrer do evento, chama-se a atenção para a atividade denominada “Museus na Rua”, onde a história de alguns museus da UFPel e região foram levadas a rua (conforme mostra a figura abaixo no Largo do Mercado Público-Largo Edmar Fetter) por meio de seus acervos. O principal

¹¹⁸ Tabela criada pela autora da monografia cujos dados foram retirados do Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus/>

objetivo dessa atividade foi o de mostrar a importância desses espaços culturais à comunidade, principalmente ao público que geralmente não frequenta museus.



Figura 3: Museus na Rua.

Fonte: Site do Em Pauta da UFPel¹¹⁹

Já na 17ª edição deste mesmo evento, em 2019, o qual aconteceu entre os dias 13 e 18 de maio cuja temática foi “Museus como núcleos culturais: o futuro das tradições”, a proposta foi a de realizar um debate acerca do “papel dos museus como centros emanadores, e, igualmente, receptores de práticas, costumes e pensamentos de nossa cultura” ¹²⁰. Com mais de três mil atividades realizadas em todo o país, a Semana dos Museus contou com várias ações incluindo “mostras, oficinas e visitas guiadas” as exposições das instituições participantes.

Nesse momento, na cidade de Pelotas, a Rede de Museus da UFPel nos trouxe inúmeras ações com o objetivo de aproximar os museus universitários

¹¹⁹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/semana-dos-museus-encerra-com-exibicao-a-ceu-aberto/>

¹²⁰ Disponível em: <https://www.caumt.gov.br/17a-semana-nacional-de-museus-promove-mais-de-tres-mil-atividades-culturais-pelo-pais/>

com a comunidade¹²¹, estas aconteceram no Museu do Doce, no MALG, no MCNCR e no centro de Memória HISALES, as quais citamos como exemplos a apresentação de Comunicações, exposições, visitas, palestras¹²² e o “tradicional tour”, um passeio em torno dos museus coloniais, localizados na Serra dos Tapes: Museu Grupelli, MHMR e Museu da Colônia Francesa.

Neste ano, destacamos o 1º Encontro dos Museus Coloniais que aconteceu no auditório do Museu do Doce, conforme nos mostra a figura abaixo. Participaram deste encontro o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, o MHMR, o Museu Grupelli, o Museu da Imigração Pomerana e o Espaço de Memória “Memórias and Andenken”. O contexto histórico destes museus foi relatado através de seus representantes, estes que destacaram alguns objetos importantes que remetem a história de vida no campo naquelas localidades nos tempos pretéritos.



Figura 4: 1º Encontro dos Museus Coloniais.

Fonte: Site do Em Pauta da UFPel¹²³.

Outro evento comemorado anualmente no dia 17 de agosto, em alusão a data de nascimento de Rodrigo Melo Franco de Andrade¹²⁴, primeiro presidente

¹²¹ Disponível em: <http://ecult.com.br/eventos/semana-dos-museus-tem-programacao-em-pelotas>

¹²² Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2019/04/2019_Semana_dos_museus_programa%C3%A7%C3%A3o_completa_atualizada.pdf

¹²³ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/semana-dos-museus-museu-do-doce-reune-diversas-historias-no-1-encontro-dos-museus-coloniais-da-serra-dos-tapes/>

do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é “O Dia do Patrimônio”. Trata-se também de uma data bastante significativa para todos que almejam a valorização do patrimônio histórico cultural, seja ele material ou imaterial¹²⁵.

Na cidade Pelotense, o Dia do Patrimônio é promovido anualmente pela Prefeitura do município. No ano de 2018, a 6ª edição do Dia do Patrimônio teve uma série de atividades que aconteceram entre os dias 17, 18 e 19 de agosto, cujo tema foi “Pelotas Imaterial: Saberes, Fazeres e Ofícios” com destaque para o patrimônio imaterial local. As atividades, organizadas pela Rede de Museus da Ufpel, juntamente com museus, professores e alunos decorreram de formas diversificadas¹²⁶.

Foram mais de trinta lugares abertos ao público no decorrer destes três dias. Além de museus, destacamos também para a participação de outros pontos históricos da cidade, os quais foram destacados com bandeiras coloridas, conforme nos mostra a figura seguinte, com a bandeira de cor azul. A ideia das bandeiras em cores variadas foi a de demonstrar através destas o tipo de tombamento que cada um desses pontos possui¹²⁷.

¹²⁴ Advogado, jornalista e escritor. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019>

¹²⁵ Segundo a Constituição Federal de 1988, considera-se Patrimônio Cultural Brasileiro todos os “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

O Patrimônio Material é composto por “um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza”, conforme os quatro Livros do Tombo: “arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes e das artes aplicadas” enquanto que os Patrimônios Imateriais são as: Práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

¹²⁶ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/2018/07/31/a-ufpel-nas-comemoracoes-do-dia-do-patrimonio-2018/>

¹²⁷ Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/noticias/cidades/pelotas-celebra-o-dia-do-patrimonio-com-programacao-a-partir-de-hoje-1.269554>



Figura 5: Mercado Público de Pelotas.

Fonte: Site do Jornal Diário da Manhã¹²⁸.

A sétima edição do Dia do Patrimônio, que aconteceu nos dias 16, 17 e 18 de agosto do ano de 2019, teve como slogan “Ethno Cidade Pelotas”, um assunto que se discutiu sobre os diferentes povos imigrantes responsáveis pela construção da cidade, dentre eles, palestinos, portugueses e senegaleses¹²⁹. O evento foi promovido pela Prefeitura Municipal de Pelotas através da Secretaria de Cultura (Secult) e aconteceu em diferentes espaços¹³⁰, tendo como atividades as visitas guiadas aos prédios históricos, exposições, o I Ciclo de Palestras promovido pela Rede de Museus da UFPel, cuja proposta foi a de “apresentar pesquisas desenvolvidas sobre o tema, com destaque para o patrimônio edificado da UFPel e a tradição doceira da Pelotas”¹³¹

Uma das novidades deste ano no evento foi a participação do “Coletivo Autores de Pelotas”, como nos mostra a figura abaixo. Desta forma, alguns autores Pelotenses, através de uma feira itinerante denominada “EuLeioPelotas” realizada na Biblioteca Pública de Pelotas (BPP), lembraram a

¹²⁸ Disponível em: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/em-agosto-pelotas-prepara-mais-uma-edicao-do-dia-do-patrimonio/>

¹²⁹ Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019>

¹³⁰ Além da BPP, Catedral Metropolitana de São Francisco de Paula, Conservatório de Música, Clube Fica Ahí, Mercado Central, Museu do Doce, MALG, MCNCR, Museu Municipal Parque da Baronesa, Prefeitura Municipal, Castelo Simões Lopes, CCMar FURG, Livraria Vanguarda, etc. (Totalizando 30 espaços diferentes)

¹³¹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2019/08/21/museus-da-ufpel-recebem-mais-de-cinco-mil-visitas-no-dia-do-patrimonio/>

comunidade sobre a importância do livro, considerado também como patrimônio cultural.



Figura 6: Coletivo Autores de Pelotas.

Fonte: Site Prefeitura de Pelotas Notícias¹³².

A Primavera dos Museus, outro evento celebrado anualmente desde 2007 é coordenado pelo IBRAM, cujos temas são lançados pelo referido órgão¹³³. A 13ª edição, que ocorreu entre os dias 23 a 29 de setembro de 2019, teve como tema “Museus por dentro, por dentro dos museus”. Dessa maneira, a Rede de Museus da UFPel, juntamente com os museus centrais e o Centro de Documentação Hisales realizaram diversas atividades voltadas para o público em geral.

¹³² Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/dia-do-patrimonio-traz-novidades-na-setima-edicao>

¹³³ Para nortear as atividades dos museus.

Tabela 3: Resultados da Primavera dos Museus no Brasil¹³⁴

Participação dos Museus	Aumento médio de 18% ao ano desde a primeira edição (em 2007)
Número de Eventos cadastrados	Aumento médio de 20% ao ano

Os dados da tabela acima se referem ao aumento de museus brasileiros participantes da Primavera dos Museus, bem também como o aumento dessas instituições museológicas cadastradas nesse evento.

A programação da Rede de Museus da UFPel e das instituições museológicas foi ampla na Primavera dos Museus do referido ano e uma das novidades dessa vez foi a ação “Você no museu”, onde o público, através de fotos realizadas em um dos museus localizados no centro histórico ou até mesmo num “outro projeto e acervo ligado a Rede”, participou das ações enviando as imagens para as redes sociais da Rede de Museus da UFPel, PREC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura) e UFPel, juntamente de um depoimento sobre a relevância desses espaços culturais para a cidade de Pelotas e arredores (conforme figuras abaixo).

Para exemplificar a ação mencionada acima, destacamos algumas imagens feitas dentro dos museus localizados no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, como a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vargas, de São Lourenço, em visita ao MALG e o MCNCR, onde a Professora ressalta sobre a importância das atividades educacionais que os museus da região proporcionam; o Grupo Doces Linhas, o qual se trata de um grupo de Senhoras bordadeiras que se reúnem no Museu do Doce, cuja imagem foi feita dentro deste museu e o relato diz respeito sobre a relação do grupo com a instituição e a pequena residente da cidade, Flora Gomes, esta que destaca o seu fascínio desde sempre por museus.

¹³⁴ Tabela criada pela autora da monografia cujos dados foram retirados do Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-programas/primavera-dos-museus/>

Além dessa atividade, a Rede e os museus ofereceram também ao público visitas as exposições no Museu do Doce, visita guiada a exposição no MALG e oficinas no MCNCR e Museu do Doce.



Figura 7: Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vargas de São Lourenço do Sul.

Fonte: Página do Facebook Rede de Museus da UFPel¹³⁵.

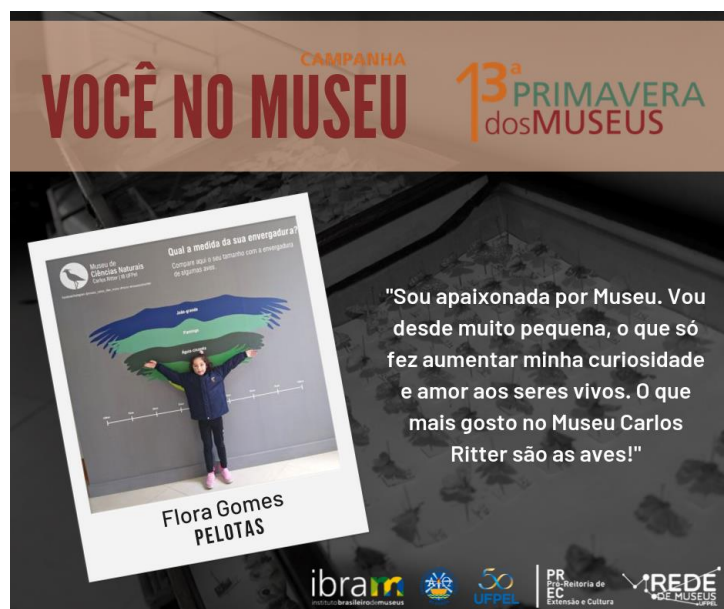


Figura 8: Flora Gomes em visita ao MCNCR.

Fonte: Página do Facebook da Rede de Museus da UFPel¹³⁶.

135

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/rededemuseusufpel/photos/a.690388921065974/2175040585934126/?type=3&theater>



Figura 9: Grupo de Bordadeiras Doces Linhas do Museu do Doce.

Fonte: Página do Facebook Rede de Museus da UFPel¹³⁷.

Como se pôde observar, os principais eventos realizados anualmente no Brasil muito tem contribuído, de fato, para o aumento do público nos museus brasileiros, bem também como a interação dos visitantes. Isso nos mostra que aos poucos as pessoas estão reconhecendo a relevância que espaços culturais representam para as suas localidades, para a sociedade.

3.2. Os Museus do Centro Histórico e o Público

Antes de enfatizarmos sobre a importância do público para as instituições museológicas de Pelotas, no período dos principais eventos realizados anualmente no país, é necessário sabermos sobre o significado do termo público, o qual, segundo Desvallées e Mairesse (2014) em Conceitos-Chave de Museologia, possui duas acepções, podendo ser empregado de duas formas: como adjetivo ou como substantivo.

O primeiro termo, como adjetivo, diz respeito à relação entre museu e o público de determinada localidade a qual está inserido, enquanto que na

136

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/rededemuseusufpel/photos/a.690388921065974/2164870540284464/?type=3&theater>

137

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/rededemuseusufpel/photos/a.690388921065974/2170856349685883/?type=3&theater>

segunda acepção, como substantivo, o termo está relacionado aos tipos de público dos museus, como os autores mesmo destacam, “o conjunto de usuários do museu - o público dos museus - (DESVALÉES, MAIRESSE, 2014).

Por conseguinte, faz-se necessário sabermos também de que forma o acesso as coleções surgiu, afinal, nem todas as pessoas podiam visitar determinados locais de exposição de objetos, conforme nos coloca Sarah Fassa Benchetrit (2010) ¹³⁸:

Durante séculos, objetos isolados ou em conjunto, coletados e preservados por indivíduos ou instituições, podiam ser apreciados por poucos. Lemos sobre os gabinetes de raridades, onde coleções de objetos só podiam ser apreciadas por seus possuidores e por pequenos grupos de privilegiados. Quando criados os museus enciclopédicos, eram os mesmos considerados como instituições mais abertas, porém ainda não tão acessíveis a todos, dado que mais voltados a homens letrados ou especialistas. (BENCHETRIT, 2010, p.12)

Como observamos na citação acima, tinham acesso apenas os próprios colecionadores e um pequeno grupo seletivo, tanto é que, quando surgiram os museus enciclopédicos, as coleções somente podiam ser apreciadas por letrados e especialistas.

Segundo a autora Marlene Suano (1986), o acesso do público as principais coleções se deu através do Papado que compartilhou de sua coleção com outros indivíduos no ano de 1471¹³⁹, que data do século XV. Entretanto, a autora frisa que neste período o acesso era bastante restrito, onde o público era selecionado. Nas instituições da igreja, por exemplo, somente tinham acesso “os artistas e governantes”. Já no caso do Museu localizado em Oxford, o Ashmolean Museum, o público era formado somente por pessoas “especialistas, estudiosos e estudantes universitários”. A autora destaca que, apesar de este museu ser a primeira instituição museológica aberta ao público na Europa, a restrição das visitas as coleções era visível. Já a restrição do Museu Britânico ficava por conta dos ingressos, onde somente tinham acesso os indivíduos que pagassem por “bilhete”. (SUANO, 1986)

¹³⁸ Pesquisa feita através de empréstimo do livro *Museus e Comunicação: Exposições como objeto de estudo* na Biblioteca de Ciências Sociais da UFPel.

¹³⁹ Através de um “antiquarium organizado pelo Papa Pio VI

Desta forma, no decorrer dos anos, os lugares reservados para a guarda das coleções surgem em toda a Europa, no entanto a restrição ainda persistia, conforme coloca a autora:

Em 1747, o polemista Frances Lafont de Saint Yenne escreve um panfleto contra o segredo das coleções reais, onde os “não-iniciados” (isto é, não-artistas) não tinham ingresso. Em 1750, parte da coleção real francesa foi aberta ao público em geral, no Palácio de Luxemburgo, em Paris, dois dias por semana, além daqueles já dedicados aos artistas e estudantes. Em 1755 o público era admitido às galerias do Palácio de Potsdam, na Prússia de Frederico II, o Grande (1712-1786). Na Rússia, Catarina II (1729-1796) também permitia visitas do público às coleções alojadas no Palácio Hermitage, em São Petersburgo, atual Leningrado: desde que as pessoas se encontrassem vestidas com os trajes de cerimonial da corte russa! (SUANO, 1986, p.26)

Entretanto, Suano (1986) nos deixa claro que a restrição de público durante esse período até o século XIX tinha uma explicação, a qual se deu pelo fato de muitas pessoas não terem acesso a leitura o que contribuía pela falta de informações das mesmas para além do cotidiano em que estas se encontravam inseridas. Além disso, os colecionadores achavam que o comportamento de determinados indivíduos não estava adequado para a contemplação de suas coleções.

É fácil compreender as restrições que se faziam a visita pública indiscriminada. Elas não se atinham somente, como se poderia imaginar, ao problema de segurança contra roubos. O grande problema era que na Europa, até o século XVIII e mesmo XIX, era muito grande o número de pessoas incapazes de ler ou escrever, sem nenhuma educação ou informação sobre o mundo para além de sua pequena vila ou cidade (...). (...) Dessa forma, suas visitas às coleções da nobreza eram sempre feitas em alegre e “desrespeitosa” algazarra. Tal comportamento servia então para atizar o ciúme que os colecionadores tinham de suas preciosidades, fazendo com que eles afirmassem que “as visitas do povo” rompiam o “clima de contemplação” em que os objetos deveriam ser apreciados. (SUANO, 1986, p.26 e 27)

Segundo Sarah Benchetrit (2010), a relação dos museus com seus visitantes surgiram gradativamente graças as feiras/exposições que aconteciam já no século XIX, estas que, de alguma forma, lembravam os museus por disponibilizarem ao público “diversão e informações”. Além disso, aos poucos, os gabinetes de curiosidades foram se tornando espaços mais acessíveis:

Avançando pelo tempo, já considerados como agentes para o ensino e a instrução, ainda assim os museus demoraram a atrair e

conquistar grandes massas de visitantes. As mudanças na relação com seus visitantes foram paulatinas e alguns estudiosos apontam para as grandes feiras/exposições universais -ainda no século XIX- como um dos elementos de fomento e atração de grande público. Estas feiras/exposições eram espaços organizados que, assemelhando-se a museus, ofereciam diversão e informações aqueles que os visitavam. Museus não são uma criação recente e não há como negar que, embora mais lentamente do que se poderia desejar, houve um avanço significativo, quando de gabinetes de curiosidades acessíveis a poucos, foram se afirmando como espaços coletivos e mais abertos. (BENCHETRIT, 2010, p.12)

No entanto, é importante mencionarmos que o acesso as principais coleções só foi acontecer mesmo, de fato, durante o período da Revolução Francesa de 1789. Segundo Suano (1986) “foi somente o movimento revolucionário do final do século XVIII que abriu definitivamente o acesso as grandes coleções, tornando-as efetivamente públicas” (SUANO, 1986, p.27 e 28)

Atualmente, o Ashmolean Museum¹⁴⁰, assim como o Museu Britânico¹⁴¹ estão abertos diariamente a visitação com entrada gratuita ao público. Entretanto, é de suma importância ressaltar que o visitante associado desses museus tem direito a muitos benefícios, dentre eles, acesso ilimitado às exposições especiais.

Sendo assim, ao longo dos anos, os museus passaram por diversas transformações no quesito público. É claro que o acesso a algumas instituições ainda acontece mediante pagamento de ingresso, porém, não se pode comparar com as demais restrições que aconteciam no referido período.

Os museus atualmente, bem como suas atividades, estão abertos a todos os tipos de público, o que contribui gradativamente para o conhecimento acerca da existência e importância desses espaços de memória. Desta forma, para que o visitante possa interagir, os museus estão:

Incorporando as mais diversas formas e instrumentos para implementar a comunicação com a sociedade. Isso pode ser observado através de exposições, dos programas educativos, da pesquisa e produção científica, das publicações e das atividades de lazer cultural. (BENCHETRIT, 2010, p.12)

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.ashmolean.org/>

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/membership.aspx>

A participação do visitante para/com os museus Pelotenses localizados na área central da cidade tem sido bastante gratificante, principalmente no período em que acontecem os principais eventos do país onde uma série de atividades são oferecidas pelos museus e demais organizadores. São oficinas, exposições, visita guiada às exposições, etc. e dessa forma, o museu comunica com a sociedade, ao mesmo tempo em que a sociedade interage com os seus acervos, com suas ações, além da contribuição para o aumento do público.

O Roteiro dos Museus e Coleções da UFPel, formado pelos Museus Centrais da cidade de Pelotas, realizou diversas atividades para o público durante a Semana dos Museus de 2019, com o objetivo de mostrar ao visitante a história de cada um desses museus. Com o tema “Os saberes e culturas presentes na cidade de Pelotas e região”, a ação contou com a presença de público diversificado¹⁴² conforme nos mostra a figura abaixo no Museu do Doce.



Figura 10: Rota dos Museus (Museu do Doce).

Fonte: Site do "Em Pauta" ¹⁴³

¹⁴² Crianças, adultos, professores e alunos.

¹⁴³ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/roteiro-dos-museus-e-colecoes-da-ufpel-realiza-atividades-para-aproximar-a-populacao-da-diversidade-cultural-de-pelotas/>

Já a outra figura nos mostra a Escola Municipal de Educação Infantil Bernardo de Souza em visita ao MCNCR também durante a Semana dos Museus, neste caso, do ano de 2018.



Figura 11: Escola Municipal Bernardo de Souza em visita o MCNCR.

Fonte: Facebook¹⁴⁴

Podemos observar nas duas figuras acima, a interação do público com as exposições e demais ações propostas pelos museus, isso nos mostra o quão relevante é a participação do público, que nesses casos, aconteceram na Semana dos Museus 2018/2019. Para termos uma ideia, durante o Dia do Patrimônio do ano de 2019, por exemplo, o MALG, o Museu do Doce e o MCNCR receberam junto um público de mais de cinco mil pessoas ¹⁴⁵. Tais benefícios em prol dos museus e da própria Rede serão analisados a seguir.

3.3. Museus do Centro Histórico: Análise dos museus em relação à Rede de Museus da UFPel

¹⁴⁴

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1526274714147733&set=a.1526273877481150&type=3&theater>

¹⁴⁵ O Museu do Doce foi o mais visitado. Foram cerca de 2.200 visitas. Depois o MCNCR que recebeu aproximadamente 1.600 visitantes e por fim o MALG que recebeu cerca de 1.400 visitas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2019/08/21/museus-da-ufpel-recebem-mais-de-cinco-mil-visitas-no-dia-do-patrimonio/>

Conforme vimos anteriormente, muitas ações aconteceram nos museus do centro histórico desde o trabalho em conjunto com a Rede, o qual se iniciou no ano de 2017 e isso tem trazido resultados bastante satisfatórios para essas instituições. Além do aumento de público durante os principais eventos nacionais, existe também um impacto bastante positivo em relação à divulgação desses espaços culturais e para isso, se realizou entrevista semi-estruturada com as Direções desses museus.

Sobre entrevista semi-estruturada, Oliveira (2011) diz que tal pesquisa é feita através de uma “lista de informações”, as quais são formadas através de um roteiro realizado pelo entrevistador contendo várias questões. Segundo esse mesmo autor, as perguntas devem ser “abertas”, além de estarem “apoiadas no quadro teórico, nos objetivos e nas hipóteses da pesquisa” (OLIVEIRA, 2011).

Para a realização das entrevistas para os Diretores, foi feito um questionário¹⁴⁶ contendo quinze perguntas e a coleta de dados foi obtida por meio de gravador. Schwonke (2018) ressalta que é importante gravarmos entrevistas e armazená-las corretamente, pois dessa forma, é possível disponibilizar tais dados para outros pesquisadores, caso as informações sejam relevantes para si:

Para tanto, é relevante gravar as entrevistas para disponibilizar o material a outros pesquisadores. Importante também armazená-las de forma correta, para não perder os depoimentos e ter uma base de dados que possa permitir acesso a diferentes interessados. (SCHWONKE, 2018, p.84)

Assim sendo, dentre as questões elaboradas, procurou-se saber quais benefícios a Rede trouxe até o momento para os museus, bem também como os problemas enfrentados por estes.

Quando se perguntou de que maneira o trabalho em rede tem contribuído com o museu, as Direções destacaram principalmente o fortalecimento para os museus. O Professor Roberto Heiden¹⁴⁷, por exemplo, nos deixa claro que, apesar das dificuldades encontradas em relação ao funcionamento do museu, a Rede é de suma importância, pois a instituição

¹⁴⁶ O questionário está no Anexo A.

¹⁴⁷ Diretor do Museu do Doce

acaba se fortalecendo com ela, principalmente quando são realizadas ações em conjunto com os demais museus especialmente no período dos eventos nacionais que ocorrem anualmente:

É bastante importante porque potencializa as ações do museu. O museu, embora ele seja um museu da universidade, ele tem várias dificuldades de funcionamento, de existência, que a gente tenta contornar e a Rede de Museus acaba sendo uma política institucional eficiente no sentido de integrar os museus, principalmente ao criar ações de caráter coletivo em datas especiais, como a Primavera dos Museus, como a Semana dos Museus, que realmente agregam o público e atrações para o espaço do museu. Então, a instituição se fortalece com a Rede de Museus. (Roberto Heiden, 2019)

E é sobre isso que o Professor João Iganci¹⁴⁸ também ressalta. Com a Rede, os museus acabam se fortalecendo diante desse trabalho e ele ainda destaca que todas as instituições têm uma maior visibilidade justamente por estarem situados no Centro Histórico da cidade, o que facilita bastante para o público saber da existência desses espaços culturais. Além disso, segundo João, a atuação da Rede também é relevante na questão de coordenar e divulgar principalmente esses eventos específicos:

Isso é muito importante. No momento que a gente trabalha em rede, o fortalecimento de cada um dos museus e da instituição como um todo, então a gente trás principalmente com a vinda do Museu Carlos Ritter aqui pra essa região central, junto à praça, junto ao MALG, junto ao Museu do Doce. A gente tem um núcleo cultural, um núcleo de museus no Centro da Cidade, uma visibilidade muito maior e principalmente para a organização de eventos específicos como Primavera dos Museus, enfim, Semana dos Museus. A gente tem sempre a organização da Rede pra coordenar, enfim, chamar esses eventos. Por exemplo, agora vai começar a Feira do Livro, tem uma série de eventos que acontecerão dentro dos museus, os três museus, que são organizados pela Rede, pela PREC, a Rede faz parte da PREC. (João R.V. Iganci, 2019)

Já o Professor Lauer Alves Nunes dos Santos¹⁴⁹ ressalta que durante os eventos específicos, já mencionados anteriormente, os três museus centrais procuram estabelecer em conjunto pautas comuns as quais beneficiem todas as instituições, além da importância em estabelecer uma identidade desses museus no Centro Histórico da cidade de Pelotas:

Então, acho que a gente tem feito, tem procurado fazer algumas atividades conjuntas no sentido de se beneficiar mutuamente. Agora mesmo, por exemplo, quando tem atividades programadas dentro do calendário de eventos da UFPel e dos museus no Brasil, por

¹⁴⁸ Diretor do MCNCR

¹⁴⁹ Diretor do MALG.

exemplo, propostas pelo IBRAM (Semana dos Museus, Primavera dos Museus, Dia do Patrimônio, algum evento municipal a gente sempre tem mais ou menos estabelecido pautas comuns. Foi feito um planejamento comum no sentido assim de conseguir primeiro estabelecer interlocução, segundo também manter uma identidade. Temos tentado, começado, feito ações iniciais no sentido de estabelecer uma identidade de museus da UFPel no Centro Histórico da cidade, com ações mais tímidas e ainda que esbarre em muitas burocracias, nós vamos caminhando nesse sentido de conseguir ter no Centro da Cidade essa identidade de museus da UFPel e aí consequentemente isso cria, vai criando uma certa força, da UFPel como protagonista da Cultura no município, na região mesmo, então isso é importante. Além da gente prever e levar pra própria Rede de Museus ações que são necessárias, importantes para os museus, todos esses museus. (Lauer Alves Nunes dos Santos, 2019)

Em relação ao público, as ações propostas pelos museus juntamente com a Rede tem contribuído para que o visitante frequente esses lugares de memória. No cotidiano, o Professor Roberto Heiden diz não ter observado aumento de público no Museu do Doce, porém, nos eventos especiais é visível. Para isso, Roberto destacou a Primavera dos Museus, onde foram realizadas oficinas, estas que tiveram participação bastante relevante do público e a Fenadoce (Feira Nacional do Doce) ¹⁵⁰.

No cotidiano, não sei te dizer, se faz diferença. Eu acredito que não muito, mas nos eventos especiais, sim, aumenta a visitação. Por exemplo, tem três ou quatro situações que eu posso te dizer que o trabalho junto com a Rede valorizou e aumentou o público do museu. Na Fenadoce, por exemplo, se fez um projeto de parceria com a Fenadoce e se fez uma exposição especial sobre a Fenadoce que a gente montou aqui no museu intitulada “Tradição e Comemoração na Feira Nacional do Doce” e a Rede também, não só a Rede, como a própria Reitoria de Extensão, articulou junto a Fenadoce para que houvesse divulgação dessa exposição junto ao próprio evento. E, enfim, houve um trabalho em conjunto que claramente se percebeu no cotidiano um aumento da visitação do público durante a Fenadoce, que foi o período de duas semanas. E, mais recentemente, também cabe destacar a Primavera dos Museus, que foi um evento que, o evento em si não é responsabilidade da Rede dos Museus, mas aqui na UFPel a Rede dos Museus encabeçou uma série de ações e algumas delas aconteceram aqui no museu, mais especificamente três oficinas, e foi bem interessante, teve uma repercussão, vieram pessoas participar dessas oficinas, o público aumentou cerca de 50%, não sei te dizer agora números totais, mas foi bastante positivo. (Roberto Heiden, 2019)

O Professor Lauer dos Santos também salientou que o aumento de público no museu é, de fato, maior no período dos eventos específicos.

¹⁵⁰ Acontece anualmente em Pelotas desde 1986

Entretanto, Lauer observou também um aumento na visitação ao museu devido à mudança de prédio¹⁵¹:

Esse dado assim específico, eu não sei te dizer por que a nova visitação aumentou muito quando a gente mudou de um prédio pra outro e foi nessa mudança também que se deu mais efetivamente esse trabalho integrado a Rede de Museus. Então foram duas coisas que aconteceram juntas. Eu realmente não sei se a visitação aumentou em função da Rede ou se a visitação aumentou em função do prédio só. Em função do prédio, tenho certeza que ela aumentou, agora a Rede pra alguns eventos específicos, ela realmente mobiliza um público maior. Por exemplo, esses eventos pontuais que eu te digo, ligados ao calendário dos museus do Brasil: “Semana dos Museus, Primavera dos Museus, Dia do Patrimônio” os museus atuam muito nisso, na divulgação, trazendo grupos, encaminhando grupos, encaminhando monitores, então, nesses momentos específicos há sim um incremento decorrente da ação da Rede. (Lauer Alves Nunes dos Santos, 2019)

Já o Professor João Iganci salienta também que o aumento de público no museu está mais ligado principalmente na questão de mudança de prédio¹⁵². Segundo ele, pelo fato de o museu estar localizado no Centro Histórico da cidade, o mesmo ganha maior visibilidade. Além disso, João destacou também que houve aumento no número de visitantes devido à divulgação realizada pelo próprio museu e pela Rede de Museus, bem também como nos eventos promovido por ambos:

Eu acho que não é a gestão em rede que é o grande causador da mudança de público que a gente teve, mas sim, a mudança de prédio, esse é o fundamental. Então a partir da mudança de prédio em maio deste ano, eu assumi em julho. Em dezembro (de 2018) a gente iniciou o processo de mudança. Em maio (2019) o museu foi reaberto e então ele ficou mais ou menos três meses fechado pra organização, transporte, adequação do espaço novo e abertura do museu, então, de lá pra cá a gente teve um acréscimo muito alto no número de visitantes, beirando números recordes de visitação, considerando que a gente tem de maio a outubro só a contagem nesse ano, acho que são cerca de 12.000 visitantes, então, é um número bastante alto, sendo que antes a gente tinha cerca de 5.000 visitantes no prédio anterior e isso envolve o fato de o museu estar num prédio mais central, envolve toda a divulgação que vem sendo feita tanto pelo museu por si só, quanto da Rede de Museus, eventos que a gente tem promovido, tanto quanto o museu em si, como também através da Rede, é a visibilidade toda que o museu passou a ter desde essa mudança de prédio e de organização das exposições. (João R.V. Iganci, 2019)

Conforme vimos nos relatos das Direções dos museus, a Rede tem sido extremamente importante para as instituições até o presente momento, tanto

¹⁵¹ O MALG anteriormente estava localizado na Rua General Osório (em prédio alugado).

¹⁵² Anteriormente o MCNCR estava localizado a Rua Barão de Santa Tecla.

na questão do aumento de visitante, como também na divulgação dos próprios museus, pois assim, estes ganham maior visibilidade do público.

Entretanto, é importante destacar também que apesar dos pontos positivos apontados pelos Diretores, os museus também enfrentam algumas dificuldades durante esse período de trabalho em conjunto. Tais problemas estão relacionados às questões individuais das próprias instituições, conforme coloca Roberto:

A equipe técnica muito reduzida, o museu não tem um secretário, por exemplo, então eu acabo fazendo coisas que ocupam o meu tempo e que tiram a energia do museu, como atender ao telefone, carregar coisas, enfim, fazer pedidos, fazer orçamentos, essas coisas eu acabo fazendo. O museu conta com recursos muito limitados financeiros por conta da restrição dos orçamentos da universidade, mas por conta da própria maneira como a universidade se organiza, nós não temos recursos suficientes pra fazer uma exposição, várias vezes eu paguei coisas do meu bolso. Por exemplo, essa exposição aqui sobre “O Doce na Infância” eu gastei uns duzentos reais do meu bolso, então, o museu precisaria de mais profissionais, de mais recursos pra que ele pudesse funcionar e existir de forma mais bonita ainda do que ele já existe. (Roberto Heiden, 2019)

Ou seja, além de O Museu do Doce estar com a equipe de profissional bastante reduzida, o mesmo também passa por problemas financeiros, como, por exemplo, a falta de verbas que a própria Universidade tem enfrentado. A falta de recursos atrapalha, de alguma forma, para a realização de exposições e outras demandas que se exigem recursos financeiros, conforme o Professor João destaca. Ele salienta novamente a importância relacionada a mudança de prédio, mas também questiona que várias coisas ainda precisam melhorar no MCNCR, o que também depende de recursos:

A gente teve um grande passo que foi essa mudança de prédio, mudança da organização da coleção, enfim, é uma mudança muito grande que a gente teve. Claro que existem ainda vários passos a serem dados, várias estruturas que podem e devem melhorar, principalmente em relação a conservação do acervo, a reserva técnica, a organização de laboratório pra produção de novas peças, enfim, e tem uma série de coisas que podem melhorar no museu ainda, mas depois que a gente dar um grande passo, a gente tem que planejar muito bem os próximos passos e organizar, principalmente numa época de falta de recursos. A gente tem muitos cortes na educação, na cultura, então, é uma fase difícil pra Universidade como um todo pra levar esses projetos adiante. (João R.V. Iganci, 2019)

Já o Professor Lauer frisa sobre a questão da elaboração de plano museológico, o qual já está em andamento na instituição, envolve profissionais

de diferentes áreas e devido às especificidades de cada museu, a possibilidade de todos elaborarem um plano em conjunto se torna um pouco difícil:

Não tem muitas dificuldades. Claro, há, por exemplo, a especificidade de cada museu. Nesse momento estamos elaborando já o Plano Museológico, os outros museus não estão. A Coordenadora da Rede de Museus, a Silvana, sugeriu que os outros museus comessem a fazer isso também, enfim, ela queria que isso acontecesse junto, mas, isso é uma coisa que a gente está fazendo, porque precisamos, de fato, ter esse documento pronto, é um documento que demora um tempo pra fazer e junto ele não está acontecendo. Nós temos uma comissão que envolve Professores do Centro de Artes-comissão pequena- e da Museologia e do Curso de Conservação e Restauro pra trabalhar na proposta desse plano museológico, enfim, é realmente um trabalho que eu vejo como pouco difícil de ser realizado conjuntamente com todos museus, porque os museus têm as suas especificidades, então, certamente nós teremos algumas demandas, algumas metas que não são comuns ao museu Carlos Ritter, por exemplo, ao Museu do Doce, aos demais museus da UFPel também que existem.. Eu me refiro sempre a esses porque são os museus que estão próximos de nós, que já tem sedes abertas, em funcionamento pra visitação. Os outros talvez sejam um pouco mais distantes, e alguns deles existem ainda em vias de possuir uma sede ou possuir uma visitação regular. (Lauer Alves Nunes dos Santos, 2019)

Assim, vimos que os museus muito tem se fortalecido com a Rede de Museus da UFPel, tanto em relação ao aumento de público no período dos principais eventos realizados no país, como também na questão da divulgação dessas instituições. No entanto, devido aos “cortes na educação e na cultura”, conforme foi colocado pelo Professor João Iganci, a Universidade é prejudicada, assim como os próprios museus, devido à falta de recursos. Além disso, a carência de profissionais nas instituições é também uma situação bastante preocupante.

3.4 Rede de Museus da UFPel: Análise da Rede em relação aos Museus do Centro Histórico

Vimos anteriormente o ponto de vista das Direções dos museus em relação à Rede de Museus da UFPel, os benefícios apontados no decorrer do período de trabalho em conjunto, tanto na questão do aumento de público visitante no período dos eventos específicos, este que também ocorre no dia a dia, principalmente no MALG e MCNCR por conta da mudança de endereço, como na divulgação desses museus e suas ações. Por esse motivo, abordaremos agora o ponto de vista da Coordenação da Rede de Museus da UFPel em relação aos museus. Para a realização da entrevista, realizamos um

questionário¹⁵³ contendo doze perguntas, estruturadas igualmente ao questionário para as Direções, porém, com questões diferentes.

Ao perguntar se a Rede de Museus tem contribuído na questão da divulgação das atividades, bem como na visitação do público nos museus centrais, a Professora Silvana Bojanoski¹⁵⁴ ressaltou que na divulgação dos museus sim, inclusive através das Redes sociais, mas, no que diz respeito à visitação a essas instituições, segundo ela, fica por conta dos respectivos museus. Além disso, a entrevistada destaca a importância de se ter uma equipe interdisciplinar atuando nos museus:

Na divulgação sim, como te falei. Nesse momento a gente está conseguindo um trabalho muito bom com as Redes Sociais, Instagram e Facebook, por conta desse aluno (de Jornalismo) que está alimentando e divulgando o máximo possível. A visitação fica por conta do museu, da sua equipe, dos bolsistas que ali trabalham. Porque de novo: Quem é a Rede de Museus? É esse grupo de profissionais, cada um ligado as suas unidades, Professora Silvana, a Professora Andrea e os seus bolsistas, então, a gente não tem como dar apoio nenhum as questões específicas e visitação do museu. Mas a gente trabalha sim. A Fenadoce, havia uma demanda, um pedido da cidade, do SENAI, do CDL, que organiza a Fenadoce. O tema da Fenadoce esse ano era o Patrimônio, o Patrimônio nosso. Toda Fenadoce estava com reproduções dos casarões históricos e a proposta deles era claramente que as pessoas que vinham pra Pelotas fossem à Fenadoce e viessem pro centro da cidade, era que a cidade tivesse benefício com essa movimentação turística da Fenadoce, e os museus são chaves nisso porque assim as pessoas vem porque elas querem ir num restaurante, elas querem passear no centro histórico, elas querem ver os museus e a questão dos horários é uma dificuldade, especialmente por falta de pessoas pra ter um horário mais ampliado de atendimento desses museus, eles ficarem abertos mesmo e para resolver isso durante o período da Fenadoce, eu fiz uma chamada com edital de alunos, de monitores que tanto trabalharam na Fenadoce, mais que também trabalharam nos museus. O Museu do Doce tinha no horário da manhã também um monitor, não é nenhum bolsista, eram monitores que estavam trabalhando. No Dia do Patrimônio nós fizemos uma outra chamada, com uma proposta mesmo de chamar alunos, essa coisa interdisciplinar, né? Quem que está no museu? Só um profissional? Não, são múltiplos profissionais! O museu não é um espaço de um único profissional e tudo que a gente quer é justamente que esses alunos conheçam, se identifiquem e trabalhem juntos e tragam os seus conhecimentos específicos,. Nós tínhamos 45 monitores no Dia do Patrimônio, que fizemos a escala e os três dias estavam totalmente cobertos, então, nesse caso sim, a gente está trabalhando com os museus pra ajudá-los nessa falta de recursos, esses momentos que se tem uma visitação muito grande, então sim, a gente está trabalhando nessa questão da visitação. É só um exemplo duma das ações que a gente faz com eles. (Silvana Bojanoski, 2019)

¹⁵³ O questionário está no Anexo B.

¹⁵⁴ Coordenadora da Rede de Museus da UFPel.

Quando foi perguntado sobre os pontos positivos encontrados tanto para a Rede, como para os Museus, a entrevistada respondeu que para os museus, foi a integração destes e a visibilidade que eles ganharam, pois graças a atual gestão da Universidade e a própria Rede de Museus, todos se encontram endereçados muito próximos e no Centro Histórico da cidade, no caso do MALG e do MCNCR que antes estavam localizados em outros endereços do município. A mudança de prédio desses dois museus é, certamente, um dos pontos positivos proporcionados pela Rede:

A integração e uma visibilidade muito maior dos museus a partir do trabalho da Rede. E coincide, em grande parte, em grande parte não, acho que total, é o resultado de uma visão da atual gestão da universidade que acabou trazendo esses três museus pro centro histórico e pras áreas que estão mais próximos, localizados próximos. O Museu do Doce desde o início funciona no mesmo local, no Casarão 8. O Malg funcionou durante muito tempo em edifícios que eram alugados e acanhados pro que eles têm de acervos e de exposições e a Universidade começou uma política de substituição dos aluguéis por usar os espaços próprios e a Escola Eliseu Maciel estava sendo usada pelos Conselhos Universitários e teve uma decisão de transferir pra um outro local, e o Malg foi instalado ali onde está, e isso deu uma diferença enorme na visitação que passou a acontecer ali, a própria localização do museu e isso foi em 2017 que eles mudaram. Em 2018 agora esse ano, nós fizemos um esforço, a Rede junto com a Pró-Reitoria, junto com a Pró Reitoria de Planejamento pra que o Carlos Ritter também mudasse. Ele também estava num prédio alugado e a negociação foi uma troca de aluguel, esse que ele está atualmente também é um prédio alugado, mais a exigência dos gestores, vindo até lá de Brasília é que não poderia ter um aluguel maior, não poderia aumentar a despesa, então, teve toda uma negociação com o proprietário e o proprietário ficou muito feliz de receber o museu nessa sua casa. Ele tem muito orgulho do trabalho que ele fez ali porque ele restaurou e realmente é um trabalho, uma casa, é linda, é primoroso o trabalho que foi feito ali, os cuidados. A gente intermediou todas essas negociações e acompanhamos junto com o museu Carlos Ritter pra que eles conseguissem fazer essa mudança e de novo teve uma explosão de visitação muito grande de escolas, ele mantém isso e as escolas planejam e agendam com eles, eles recebem muitas escolas e, além disso, agora eles têm toda essa movimentação do Centro Histórico e um contexto de valorização, Pelotas está valorizando cada vez mais esse lado histórico, então os três museus nessa localização foi uma coisa fantástica e é resultado de um olhar da gestão da Universidade que entendeu que isso era necessário e é resultado do nosso trabalho que a gente está articulando sempre que possível pra que isso tudo aconteça. (Silvana Bojanoski, 2019)

Ao final dessa questão, Bojanoski destacou ainda que a cidade está valorizando bastante o lado histórico, principalmente onde esses museus encontram-se localizados e toda essa movimentação é devido ao trabalho em conjunto dos museus, da Rede e, nesse caso, da atual gestão da UFPel.

Ao longo de sua existência, conforme já foi ressaltado no decorrer do texto, a Rede de Museus da UFPel já desenvolveu inúmeras ações conjuntamente com os três museus, além de outros museus/projetos que fazem parte de sua composição e dessa forma procuramos saber quais ações foram essas, além das já desenvolvidas durante o período dos três principais eventos comemorados anualmente e que já foram mencionados no texto num outro momento. Em seguida, Silvana Bojanoski nos deixa claro que todo o trabalho realizado é de interesse dos museus:

Esses três eventos anuais que a gente está sempre junto e toda a questão da divulgação, encaminhamentos e demandas pra gestão. A gente trabalhou muito forte com a mudança do Carlos Ritter, a organização de palestras e temas de interesse dos museus, então a gente está sempre potencializando todas as questões de interesse dos museus, em termos de atualização dessa equipe. Nós estamos com um projeto agora que é sobre acessibilidade, que está até sob a minha responsabilidade e que eu vou passar pra Desirée produzir, ela já fez um trabalho no Museu do Doce com a questão da acessibilidade em museus, um projeto que já vem acontecendo há muito tempo e agora a gente está com um projeto. Fizemos uma chamada pros alunos que quiserem: Quem são os alunos que estão lá? Alunos da Terapia Ocupacional, alunos da Arquitetura, alunos da Letras, porque a gente especificou no edital que todos seriam aceitos, priorizando museólogos e conservação. Infelizmente nós não temos Museólogos e nem Conservadores e Restauradores na equipe porque não atenderam o nosso chamado, então, nós estamos com a equipe multidisciplinar, trabalhando a acessibilidade nos museus. Tem um cronograma montado de trabalhar com essas pessoas: O quê que é museu? O que é acessibilidade? Vai ser feito um diagnóstico em cada um dos três museus, mais o da Baronesa porque o da Baronesa fez essa demanda pra gente então o incluímos, não teria porque não incluí-los, pois são alunos nossos que estão agora trabalhando e responsáveis pelo Museu da Baronesa e esses alunos que estão trabalhando nessa equipe, a Desirée orienta pra fazer todos os diagnósticos de acessibilidade. Vamos entregar um relatório, vamos discutir com os museus o que é que eles querem, que eles conseguem implantar dentro de tudo que se identificar em termos de restrição de acessibilidade a todos os públicos e terminar com um documento final pra cada um dos museus. Isso complementa um livro que foi publicado pela Desirée, um E-Book, que inclusive vai ser lançado, já foi lançado, mas enfim, agora na Feira do Livro está novamente, então, vai ter um livro eletrônico, mais vai ter uma atividade, a Desirée escreveu a pedido nosso. Nós começamos inicialmente, a ideia de fazer um manual que orientasse os museus nessa questão de acessibilidade, aí aquilo foi crescendo e acabou virando um livro com orientações de todas essas questões de acessibilidade e que está circulando pelo Brasil. Geralmente a gente recebe notícia que é um dos únicos materiais que a gente tem no Brasil sobre essa questão de acessibilidade nos museus. A Desirée agora está como Professora Substituta da Terapia Ocupacional e a gente pediu, ela está com uma carga horária na Pró Reitoria de Extensão e Cultura e a atividade que ela está propondo é justamente o encaminhamento desse projeto. Esse ano e ano que vem a gente tá desenvolvendo esse projeto dentro desses museus, então, essa é

uma das ações, dentre outras, que acho que vale a pena destacar. Fazer projetos específicos e chamar pessoas que possam desenvolver os trabalhos entre os museus. (Silvana Bojanoski, 2019)

Ou seja, além das ações que foram realizadas com os museus no decorrer dos eventos anuais, a Coordenadora da Rede ressaltou também a importância da criação de um manual/livro contendo informações necessárias sobre a questão de acessibilidade em museus e como esse material tem ganhado destaque no país.

Ainda, em relação às ações propostas pela Rede e os Museus, procuramos saber se o público tem participado das atividades desenvolvidas até o momento. A entrevistada disse o seguinte:

Sim, têm uma visitação enorme, todos os museus. Quando a gente faz esses eventos muito maior. 3.000 visitantes no final de semana que teve no Museu do Doce no Dia do Patrimônio, mas fora isso, no dia a dia, também é um número de visitação muito grande e o resultado é da divulgação, desse apoio, enfim, desse fortalecimento. O mérito todo, na verdade, são dos museus, eles estão com suas equipes trabalhando. A Rede está só potencializando isso, tentando aproximar e facilitar algumas coisas, não é a Rede que causa isso. A Rede ajuda pra que os museus estejam nesse momento podendo, aumentando muito essa visibilidade e o número de visitantes também. (Silvana Bojanoski, 2019)

Silvana Bojanoski destacou que a visitação aos museus no período dos eventos de maior visibilidade é muito grande, mas ressalta que no cotidiano, o número de visitantes também é positivo. O resultado de tudo isso, segundo ela, está por conta da “divulgação, do apoio, desse fortalecimento” (BOJANOSKI, 2019), além do mérito dos próprios museus.

No entanto, assim como os museus, às vezes até a própria Universidade, a Rede de Museus da UFPel também encontra algumas dificuldades. Segundo a Coordenadora, a Rede não existe formalmente e ela teme que a próxima gestão “faça alguma alteração” em relação à mesma:

A questão de dificuldades, a Rede, ela está vinculada dentro da Pró Reitoria, não existe formalmente, mas nada impede que uma próxima gestão faça alguma alteração. O desafio seria que a Rede estivesse em algum ponto central de tudo que ela não fosse facilmente desarticulada, que ela não dependesse só da boa vontade dessas pessoas que estão trabalhando arduamente porque enxergam a importância desse trabalho, porque é muito fácil desmontar tudo o que se faz. O forte da Rede é justamente essa ação colaborativa entre todos que estão trabalhando ali. Mais aí se de repente isso não é estimulado? Se não assistiu mais as reuniões? E todo mundo tem mil atribuições. É muito fácil se perder tudo isso, então, acho que

esse é o desafio, que a Rede se concretize e permaneça e tenha continuidade. Acho que essa é a questão que ainda tem que ser bem resolvida. (Silvana Bojanoski, 2019)

No entanto, existe uma possibilidade de que na próxima gestão da Universidade, a Rede continue funcionando. E assim espera-se.

4 Considerações Finais

Ao encerrar essa monografia ficamos com a certeza de que o tema merece ser estudado e mais aprofundado, uma vez que as redes de museus são fundamentais para as instituições. Conforme vimos, na Europa, a ideia de sistemas e redes surgiu através dos governos de determinados países, estes que levaram em consideração a importância que as instituições museológicas já vinham representando para aquelas localidades. Dessa forma, a ideia de criação foi a de ampliar a importância desses espaços culturais para a sociedade.

Já no Brasil, as redes e sistemas surgiram em 1980, conforme Carvalho (2008) nos coloca e dez anos depois, em 1990, foram criadas novas estruturas de redes baseadas no SBM e desde então, o trabalho em rede tem se intensificado no país.

Dessa forma, de modo a mostrar algumas redes e sistemas criados até o momento no Brasil, destacamos os Sistemas Estaduais no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que, no primeiro estado, o sistema é formado por sete regiões. Ressaltamos também a criação de Sistemas Municipais em Ouro Preto (MG), Pelotas, Rio Grande e Santa Maria (RS), Redes Temáticas e Redes de Museus Universitários.

Sendo assim, podemos observar que o trabalho em rede, aderido em vários museus do Brasil e do Mundo, muito tem contribuído para as instituições museológicas e, embora as características dos museus sejam diversificadas, todos almejam alcançar os mesmos objetivos.

A Rede de Museus da UFPel, que engloba os museus centrais destacados no decorrer do texto, tem desenvolvido um trabalho importante em prol dessas instituições, principalmente na questão de seus fortalecimentos. Além disso, a Rede de Museus coordena e divulga as ações desenvolvidas em conjunto com esses museus, o que contribui para o gradativo aumento do público, principalmente no decorrer dos eventos específicos no Brasil, comemorados anualmente. E, pelo fato de esses museus estarem instalados

no Centro Histórico da cidade, estes ganharam maior visibilidade, contribuindo, dessa forma, para o aumento de visitação também no cotidiano.

As ações desenvolvidas nesses museus conjuntamente com a Rede foram inúmeras e dentre exposições, visitas guiadas, oficinas, etc., destacamos as atividades “Museus na Rua”, onde os espaços culturais foram levados as ruas de Pelotas através de seus acervos; a campanha “Você no Museu”, onde o público foi convidado a realizar uma fotografia dentro de um dos museus/projetos vinculados a Rede, juntamente de um depoimento em relação a essas instituições, destacando a importância desses espaços de memória para a sociedade e o “Roteiro dos Museus e Coleções da UFPel”, que teve como principal objetivo mostrar ao público a história de cada um desses museus.

No entanto, apesar dos pontos positivos apresentados aqui, cabe ressaltarmos que os museus, assim como a Rede, passam por algumas dificuldades. Os museus, individualmente, preocupam-se com as questões financeiras, dificultando assim, a realização de exposições e melhoras nas estruturas. Além disso, existe a dificuldade de elaboração de um Plano Museológico em conjunto devido às especificidades de cada um dos museus, embora o MALG esteja com o seu documento em andamento. Já em relação à Rede de Museus da UFPel, que ainda não existe formalmente, há uma preocupação que a mesma não tenha continuidade na próxima gestão da Universidade.

Por fim, se buscou com essa monografia estudar a importância das redes de museus, sobretudo a Rede de Museus da UFPEL e desse modo entender seu funcionamento e ações. Considera-se que esse trabalho ajuda a ampliar a visibilidade da Rede ao mostrar e refletir sobre o quão está sendo importante o trabalho que vem desenvolvendo até o presente com as instituições museais. Espera-se assim também contribuir para a valorização tanto da Rede, quanto dos Museus, reunindo informações atuais sobre essas entidades e seus papéis no desenvolvimento dos museus e da própria sociedade.

Referências Bibliográficas

ÁVILA, Ana Carolina Xavier; KASEKER, Davidson Panis; MIZUKAMI, Luiz Fernando. Histórico do Sistema Estadual de Museus de São Paulo – SISEM/SP. Governo do Estado. São Paulo. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/historico/>. Acesso em: 12 de set; 2019.

BARBOSA, Neília Marcelina; OLIVEIRA, Anna Luiza Barcelos de; TICLE, Maria Letícia Silva. **Ação Educativa em Museus**. Caderno 4. Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, 244p. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo_acao_educativa_2.pdf. Acesso em: 24 de out. 2019.

BENCHETRIT, Sarah Fassa. **Os Museus e a Comunicação**. Livro: Museus e Comunicação: Exposições como objeto de estudo/ Org. Sarah Fassa Benchetrit, Rafael Zamorano Bezerra, Aline Montenegro Magalhães – Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2010, 400p.

BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **A Rede de Museus da UFPel**. Anais do.../Semana dos Museus da UFPel/ Org. Andréa Lacerda Bachettini, Silvana de Fátima Bojanoski- Ed. da UFPel, V.2.: il. – Realização da Rede de Museus da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pelotas, 2018, 163p. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/asm/article/view/16356/10233>. Acesso em: 26 de set. 2019.

CARVALHO, Ana Cristina Barreto de. **Gestão de Patrimônio Museológico: As Redes de Museus**. Orientadora: Elza Marla Alzenberg. 185f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós - Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo Escola de Comunicação e Artes ECA-USP, Pelotas, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-19052009-160809/publico/3787928.pdf>. Acesso em: 05 de set. 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de museologia, editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. Florianópolis: FCC, 2014. 98p. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 08 de set. 2019.

DORNELLES, José Eduardo Figueiredo; ZEFA, Edison; RÉGIS, Carolina Silveira; SANTOS, Thamires Barbosa dos; SILVEIRA, Camila de Macedo Soares; PORTELA, Priscila Rockenbach. **Restauro, Conservação e Atualização do Acervo Entomológico Expográfico do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter: Processos e Metodologias Empregados**. v.23. Nº1. Pelotas, 2018, p.92-103.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação Museológica: teoria para uma boa prática**. Cadernos de Ensaio n. 2, Estudos de Museologia, Rio de Janeiro: MinC / IPHAN, 1994, p. 64-74.

GASTAUD, Carla Rodrigues; CRUZ, Matheus. **O Museu do Doce da UFPel**. Entre o sal e o açúcar: o doce através dos sentidos: catálogo do projeto O Museu do Conhecimento para Todos/ Org. Francisca Ferreira Michelin, Pelotas, 2018, 87p.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. **Patrimônio Histórico: Como e Porque Preservar**. Colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al] – 3ª Ed., Bauru-SP, 2008, 36p. Disponível em: http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf. Acesso em: 16 de set. 2019.

GONÇALVES, Júlia; LOPES, Jéssica. Semana dos Museus: Museu do Doce reúne diversas histórias no 1º Encontro dos Museus Coloniais da Serra dos Tapes. **Em Pauta**, Pelotas, mai. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/semana-dos-museus-museu-do-doce-reune-diversas-historias-no-1-encontro-dos-museus-coloniais-da-serra-dos-tapes/>. Acesso em: 25 de out. 2019.

KAPPENBERG, Kimberly. Centro Histórico é preparado para o Dia do Patrimônio 2019, ago.2019. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019> Acesso em: 26 de out. 2019.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **Rede de Museus da UFPel**. Anais do.../Semana dos Museus da UFPel/ Org. Andréa Lacerda Bachettini, Noris Mara Pacheco Martins Leal- Ed. da UFPel, V.1.: il. Realização da Rede de

Museus da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pelotas, 2015,2016,2017, 257p.
Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/asm/article/view/13820/10234>.

Acesso em: 28 de set. 2019.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **Uma Casa para o Museu ou um Museu para a Casa**. Entre o sal e o açúcar: o doce através dos sentidos: catálogo do projeto O Museu do Conhecimento para Todos/ Org. Francisca Ferreira Michelin, Pelotas, 2018, 87p.

LIZOTT, Joana Soster. **Relatório Técnico**: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015,27p.

LOPES, Jéssica; ALVES, Jessica; BARCELLOS, Isabella. Roteiro dos Museus e Coleções da UFPel realiza atividades para aproximar a população da diversidade cultural de Pelotas. **Em Pauta**, Pelotas, mai.2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/roteiro-dos-museus-e-colecoes-da-ufpel-realiza-atividades-para-aproximar-a-populacao-da-diversidade-cultural-de-pelotas/>. Acesso em: 18 de Nov. 2019.

LOPES, Samira Sousa. **Caminhos para uma acessibilidade sensível**: um relato sobre o Parque Histórico General Bento Gonçalves. Orientador: Diego Lemos Ribeiro. 76f. Monografia (Graduação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: https://museologiaufpel.files.wordpress.com/2016/09/samira-sousa-lobes_tcc.pdf. Acesso em: 01 de out. 2019.

MAZZINI, Isabela da Silva. **Os objetos dos Museus da Universidade Federal de Pelotas**: diagnóstico de uma matriz conceitual para uma política de acervo. Orientadora: Francisca Ferreira Michelin. 57f. Monografia (Graduação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: https://museologiaufpel.files.wordpress.com/2016/09/isabela-da-silva-mazzini_tcc.pdf. Acesso em: 03 de out. 2019.

MICHELON, Francisca Ferreira; SALASAR, Desirée Nobre. **Sobre os Resultados**. Entre o sal e o açúcar: o doce através dos sentidos:

catálogo do projeto O Museu do Conhecimento para Todos/ Org. Francisca Ferreira Michelin, Pelotas, 2018, 87p.

MIRANDA, Rose Moreira de; SALADINO, Alejandra. Cadastro Nacional de Museus. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/86/cadastro-nacional-de-museus>. Acesso em: 07 de set. 2019.

MIZUKAMI, Luiz Fernando. **Redes e Sistemas de Museus**: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo. Orientadora: Maria Cristina Oliveira Bruno. 227f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-12012015-122933/publico/LuizMREVISADA.pdf>. Acesso em: 17 de set. 2019.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Manual (pós-graduação), Universidade Federal de Goiás, Catalão- GO, 2011. 72p. Disponível em: https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 08 de set. 2019.

REIS, Dafne Borges da Silva. **A Implementação do Planejamento Estratégico em Rede**: Um Estudo de Caso. Orientador: Martius Vicente Rodriguez y Rodriguez. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/8782/1/TCC%20DAFNE%20BORGES%20DA%20SILVA%20REIS.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2019.

RODRIGUES, Deco. Semana dos Museus tem programação em Pelotas. E-Cult mídia ativa. Pelotas, abr. 2019. Disponível em: <http://ecult.com.br/eventos/semana-dos-museus-tem-programacao-em-pelotas>. Acesso em: 25 de out. 2019.

SANTOS, Camila. Semana dos Museus encerra com exibição a céu aberto. **Em Pauta**, Pelotas, jun.2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/semana-dos-museus-encerra-com-exibicao-a-ceu-aberto/>. Acesso em: 25 de out. 2019.

SCHMITT, Daniela; GUTIERRE, Marina Duarte; MICHELON, Francisca Ferreira. **Fotografia e Memória: Sistematização da Coleção Marina de Moraes Pires/ MALG/UFPeL**. 2009. 3p. Disponível em: <https://propesp.furg.br/anaismpu/cd2009/cic/letras/1259-1594-1-SM.pdf>. Acesso em: 01 de out. 2019.

SCHWONKE, Raquel Santos. **Leopoldo Gotuzzo e a Constituição do Malg (1887-1986)**. Orientadora: Giana Lange do Amaral. 263f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SILVA, Mauricio Candido da. **A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: Proposição, Pesquisa, Colaboração e Manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus**. Rev. CPC, n°27, São Paulo, 2019, p.297-309. Disponível em: <file:///C:/Users/casa/Downloads/152250-Texto%20do%20artigo-360375-1-10-20190729.pdf>. Acesso em 22 de set. 2019.

SILVEIRA, Angélica. Pelotas celebra o Dia do Patrimônio com programação a partir de hoje. Correio do Povo. Porto Alegre, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/pelotas-celebra-o-dia-do-patrim%C3%B4nio-com-programa%C3%A7%C3%A3o-a-partir-de-hoje-1.269554>. Acesso em: 27 de out. 2019.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense. 1986. 48p.

Fontes documentais

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 216. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso em: 05 de set. 2019

BRASIL. Decreto nº 5.264 de 5 de Novembro de 2004 e revogado pelo Decreto nº 8.124 de 17 de Outubro de 2013. Institui o Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providencias. Legislação Sobre Museus. Brasília: 2013.

BRASIL. Decreto Lei nº 8.124 de 17 de outubro de 2013. Vem regulamentar a Lei 11.904/2009, denominada Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009, de criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

BRASIL. Lei nº11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Legislação Sobre Museus. Brasília: 2013

BRASIL. Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), cria quatrocentos e vinte e cinco cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores (DAS) e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo federal, e dá outras providências. Legislação Sobre Museus. Brasília: 2013.

Resolução nº 16 de 19 de dezembro de 2018. Aprova as alterações no Regimento do Museu do Doce da UFPel. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/12/SEI_Resolu%C3%A7%C3%A3o-16.2018-Altera%C3%A7%C3%B5es-no-Regimento-do-Museu-do-Doce.pdf.

Acesso em: 28 de set.2019

Resolução nº 15 de 28 de setembro de 2017. Aprova o Regimento Interno da Rede de Museus da UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/07/RES.152017-Reg.-Int.-Rede-Museus.pdf>. Acesso em: 27 de set. 2019

Resolução nº 23 de 24 de julho de 2014. Aprova o Regimento Interno do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG).

Relatório Técnico do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Catálogo do Museu do Doce - Entre o sal e o açúcar: o doce através dos sentidos: catálogo do projeto O Museu do Conhecimento para Todos/ Org. Francisca Ferreira Michelin, Pelotas, 2018.

Folder: Os Museus da UFPel no Centro Histórico de Pelotas.

Anexos

Anexo A – Questionário para as Direções dos Museus

1. Quanto tempo você está na direção do museu?
2. A instituição possui uma documentação adequada do acervo?
3. A instituição dispõe de regimento interno?
4. A localização do museu, bem como as suas instalações, estão adequadas para abrigar o acervo, bem como a recepção ao público e a segurança dos profissionais?
5. O museu dispõe de acessibilidade ao público, tanto para a questão de acesso ao prédio, bem também como as exposições e demais atividades?
6. Em relação à visitação do público, a instituição, o museu possui um controle de visitas?
7. Em relação à Rede de Museus da UFPel, de que forma surgiu o convite para a participação do trabalho em rede?
8. De que forma esse trabalho em rede tem contribuído para o museu?
9. A participação do museu na Rede de Museus da UFPel é importante para a instituição? Por quê?
10. Quais os pontos positivos encontrados para o museu desde que iniciou a gestão em rede?
11. Após a gestão em rede, a visitação do público ao museu se tornou mais frequente?
12. O museu possui algum registro das principais atividades (Semana Nacional de Museus, Dia do Patrimônio e Primavera dos Museus) realizadas antes da criação da Rede de Museus da UFPel?
13. O museu desenvolve atividades em conjunto com escolas e outros museus? Se sim, quais atividades e instituições de ensino participaram?
14. Quais as dificuldades e os desafios encontrados pelo museu durante esse período de trabalho em conjunto?

15. Além do trabalho que a Rede dispõe ao museu, quais outras contribuições a gestão em rede poderia disponibilizar a instituição?

Anexo B– Questionário para a Coordenação da Rede de Museus da UFPel.

1. Como surgiu a ideia da Rede?
2. Quando você começou a coordenar a Rede de Museus da UFPel?
3. Qual a relação da Rede de Museus da UFPel com os museus localizados no centro histórico da cidade de Pelotas?
4. Quais os pontos positivos encontrados para a Rede e para esses museus durante esse período de coordenação?
5. A Rede de Museus da UFPel contribui com os museus na questão da divulgação de suas atividades, bem como na visitação do público?
6. Quais são as ações que a Rede tem feito com esses museus desde a sua criação?
7. Conforme o regimento interno da Rede, uma das missões da mesma está voltada para a aproximação com a comunidade. O público tem participado das ações propostas pela rede em conjunto com os museus?
8. A Rede de Museus dispõe de um registro das atividades atualizadas?
9. O inventário dos acervos da UFPel encontram-se atualizados?
10. Qual é o número do pessoal responsável pelo trabalho em rede da UFPel?
11. Em que período é realizado a capacitação dos servidores que integram a Rede?
12. Quais as dificuldades e os desafios encontrados na Rede durante esse período de gestão?